

[MANUAL DO
PROFESSOR]

ALFREDO BOULOS JÚNIOR

A CONQUISTA

HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Componente: História

5

CÓDIGO DA COLEÇÃO
0133P230102000040
PNLD 2023 • OBJETO 1
Material de divulgação
Versão submetida à avaliação

FTD

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

A CONQUISTA

HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Componente: História



「MANUAL DO
PROFESSOR」

ALFREDO BOULOS JÚNIOR

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou nas redes pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

É autor de coleções paradidáticas.

Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.



A Conquista – História – 5º ano (Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2021

Direção-geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Tacetti

Edição João Carlos Ribeiro Junior (coord.)

Luís Gustavo Reis, Raphael Fernandes, Carolina Bussolaro Marciano,
André Amano, Vivian Ayres, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Bárbara Berges,
Rosane Cristina Thahira, Renata Paiva Cesar, Siomara Sodré Spinola

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Fernando Cardoso, Paulo José Andrade

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Bruno Attili, Carolina Ferreira, Juliana Carvalho (capa)

Imagem de capa Bruna Ishihara

Arte e Produção Vinícius Fernandes (sup.)

Sidnei Moura, Jacqueline Nataly Ortolan (assist.), Marcelo dos Santos Saccomann (assist.)

Diagramação Nany Produções Gráficas

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Licenciamento de textos Érica Brambila, Bárbara Clara (assist.)

Iconografia Jonathan Santos, Ana Isabela Pithan Maraschin (trat. imagens)

Ilustrações Camila de Godoy, Claudia Mariano, Getulio Delphim, Leandro Ramos, Leo
Fanelli/Giz de Cera, Leonardo Conceição, Lucas Farauj, Mozart Couto, Osnei, Rmatias
Allmaps (cartografia)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boulos Júnior, Alfredo

A conquista : história : 5º ano : ensino
fundamental : anos iniciais / Alfredo Boulos
Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: História.

ISBN 978-65-5742-503-9 (aluno – impresso)

ISBN 978-65-5742-504-6 (professor – impresso)

ISBN 978-65-5742-513-8 (aluno – digital em html)

ISBN 978-65-5742-514-5 (professor – digital em html)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

21-72392

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610
de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

www.ftd.com.br

central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas
deste livro foram produzidas com fibras
obtidas de árvores de florestas plantadas,
com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD

CNPJ 61.186.490/0016-33

Avenida Antonio Bardella, 300

Guarulhos-SP – CEP 07220-020

Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

SUMÁRIO

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR IV

1. Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas..... IV
2. A Base Nacional Comum Curricular VI
3. Alfabetização IX
4. Protagonismo do aluno XIV
5. Ensino de História e a nova concepção de documento XIV
6. Por que estudar a temática afro e a temática indígena? XXI
7. Orientações para o uso da internet XXII
8. Conceitos-chave da área de História XXIII

SEÇÃO INTRODUTÓRIA XXVII

9. Quadro de conteúdos da coleção.....XXVII
10. AvaliaçãoXXIX
11. Matriz articuladora deste volumeXL

BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....XLVI

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME 1

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR

Esta coleção para os anos iniciais do Ensino Fundamental tem alguns pilares de sustentação, que listamos a seguir.

1. LER E ESCREVER: UM COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS

O desenvolvimento da competência leitora e escritora é responsabilidade de todas as áreas de conhecimento, e não somente da área de Língua Portuguesa. Entendemos que ler e escrever é um compromisso de todas as áreas, como Matemática, Geografia e também História.

Isso ajuda a explicar a ênfase que demos à leitura e à escrita nos cinco volumes. A História, importante ciência humana, pode e deve dar uma contribuição decisiva nesse processo, e uma das condições para isso é o trabalho planejado com diferentes tipos de textos e com uma diversidade de linguagens (cinematográfica, fotográfica, pictórica; a dos quadrinhos, a da charge, a da literatura, a dos jornais, entre outras).

Boa parte do que os alunos aprendem nas aulas de História é resultado da leitura (de textos e imagens), daí a importância de familiarizá-los também com os procedimentos de leitura, específicos e diferenciados, e adequados a cada um desses registros. Sem nos adentrarmos na discussão teórica sobre o assunto, é importante lembrar que imagem e texto possuem estatutos diferentes e demandam tratamentos e abordagens diferenciados.

Sabendo-se que a leitura possibilita o acesso a conteúdos e conceitos históricos, a tarefa de ensinar a ler e escrever deve ser vista como parte integrante de um curso de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao receberem um tratamento adequado, os textos e as imagens deixam de servir só para ilustrar ou exemplificar um determinado tema e passam a ser materiais a serem interrogados, confrontados, comparados e contextualizados.

Com esse objetivo, estimulamos a leitura de diferentes gêneros de texto e exploramos de forma sistemática a leitura e a interpretação de imagens fixas. Além disso, incentivamos a escrita, inclusive porque ler e escrever são competências interdependentes e complementares. Eis uma contribuição de especialistas no assunto:

O que seria ler e escrever nas diferentes áreas do currículo escolar? Esse é um dos objetivos que estabelecemos para este livro: desconfinar a discussão sobre leitura e escrita, ampliando o seu âmbito desde a biblioteca e a aula de português para toda a escola. E um dos méritos desse desconfinamento foi a descoberta da leitura e da escrita como confluências multidisciplinares para a reflexão e ação pedagógica.

[...]

Temos claro que ler e escrever sempre foram tarefas indissociáveis da vida escolar e das atribuições dos professores. Ler e escrever bem forjaram o padrão funcional da escola elitizada do passado, que atendia a parcelas pouco numerosas da população em idade escolar. Ler e escrever massiva e superficialmente tem sido a questão dramática da escola recente, sem equipamentos e estendida a quase toda a população.

A sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. Todo estudante deve ter acesso a ler e escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história, merece respeito e atenção quanto a suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer estudante, como são o ler e o escrever.

NEVES, Iara C. Bitencourt et al. (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 15-16.

Daí termos usado, nesta nossa obra, textos historiográficos, históricos, literários, biográficos, depoimentos, entrevistas, notícias, obras de arte, fotografias, desenhos, charges, caricaturas, tiras de quadrinhos, mapas, gráficos, tabelas, cartazes de propaganda, entre outros.

É esse trabalho sistemático e planejado que permitirá aos alunos, leitores e escritores, com a mediação do professor, conquistar autonomia para ler e contextualizar textos e imagens. Nesta coleção, além da importância dada à leitura e à interpretação, buscamos estimular também o desenvolvimento da competência escritora.

► 1.1. NÃO BASTA ENSINAR HISTÓRIA

Para uma boa formação, os alunos precisam entender bem o que leem e saber pensar e escrever.

[...] Há muitas formas de orientar os alunos a ler o texto histórico, desviando-os da terrível decoreba. Um exemplo, à maneira de um jogo de desconstrução e reconstrução, é propor-lhes que identifiquem, a partir de uma espécie de “perguntas-chave”, as informações básicas existentes, digamos, num capítulo do livro didático: o acontecimento principal e os secundários (o quê?); os agentes históricos envolvidos – grupos sociais, instituições, indivíduos e seus respectivos interesses e motivações (quem?); o período histórico e as datas mais importantes (quando?), o lugar geográfico, político, social (onde?). Com base nessas respostas, que mais adiante serão enriquecidas com respostas de outras perguntas (como? e por quê?), o aluno poderá redigir seu texto-resumo, no qual irão figurar as informações essenciais. Essa sinopse do fato histórico é o “esqueleto”, o núcleo desse fato, e é também o que vai possibilitar ao aluno se situar no tempo, no espaço, na história, é o seu “chão” histórico, é a base para argumentação. [...]

RIBEIRO, Marcus Venício. Não basta ensinar história. **Revista Nossa História**, ano 1, n. 6, p. 76-78, abr. 2004.

► 1.2. O QUE SE ESPERA QUE O ALUNO ESCREVA EM HISTÓRIA?

O texto a seguir é de Fernando Seffner, mestre em Sociologia, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A leitura e a escrita de textos históricos devem levar em conta a necessidade de explicação e utilização de conceitos. Conceitos entendidos aqui como ferramentas de análise, e como possibilidade de universalizar uma discussão. Trabalhamos em história sempre com a análise de situações determinadas. Discutir a qualidade da escrita histórica envolve analisar os recursos conceituais utilizados, as fontes consultadas, a problemática construída, as questões propostas e o estilo narrativo.

[...]

Ler é compreender o mundo, e escrever é buscar intervir na sua modificação. Ao pedir que o aluno escreva um texto de análise histórica, estaremos sempre buscando extrair dele uma posição frente à discussão. Portanto, estamos trabalhando no sentido de que cada aluno desenvolva uma capacidade argumentativa própria, utilizando conceitos claros, num ambiente democrático de troca de ideias e convívio de opiniões diferenciadas. Isso colabora para a formação da identidade política de cada aluno. O que não podemos permitir é que as atividades de leitura e escrita na aula de história se transformem num ritual burocrático, em que o aluno lê sem poder discutir, responde questionários mecanicamente e escreve texto buscando concordar com o professor para ter sua boa nota assegurada. [...]

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 119-120.

2. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Esta coleção foi escrita no contexto de um amplo debate nacional em torno da construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens essenciais a que todos os alunos devem ter direito ao longo da Educação Básica.

► 2.1. A LEGISLAÇÃO QUE DÁ SUPORTE À BNCC

A BNCC está respaldada em um conjunto de marcos legais. Um deles é a Constituição de 1988, que, em seu artigo 210, já determinava que: “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.¹

¹ BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Outro marco é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que, no inciso IV de seu Artigo 9º, afirma:

cabe à União [...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

A LDB determina também que as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos.

Esta relação entre o básico-comum e o que é diverso está presente no Artigo 26 da LDB, que diz que:

os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Disso decorre que o currículo a ser construído deve, então, ser contextualizado. Entende-se por contextualização: a inclusão e a valorização das diferenças regionais, ou mesmo locais, e o atendimento à diversidade cultural.² Isso é coerente com o fato de que o foco da BNCC não é o ensino, mas a aprendizagem como estratégia para impulsionar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades.

► 2.2. A BNCC E A BUSCA POR EQUIDADE

A busca por equidade na educação demanda currículos diferenciados e afinados com as inúmeras realidades existentes no país. A equidade leva em conta também a variedade de culturas constitutivas da identidade brasileira. E, além disso, reconhece a diversidade de experiências que os alunos trazem para a escola e as diferentes maneiras que eles têm de aprender.

A busca por equidade visa também incluir grupos minoritários, como indígenas, ciganos, quilombolas e o das pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola. E se compromete com alunos com algum tipo de deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/15).

² Outro marco legal em que a BNCC se apoia é na Lei nº 13.005, de 2014, que promulgou o Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

A busca por equidade quer, enfim, propiciar igualdade de oportunidades para que todos possam ingressar, aprender e permanecer na instituição escolar. Uma escola pensada e organizada com base nesse princípio estará aberta à pluralidade e à diversidade, garantindo, assim, que todos possam desenvolver habilidades e competências requeridas no mundo contemporâneo. E conseguirá acolher e estimular a permanência dos estudantes na instituição escolar, independentemente de etnia, religião ou orientação sexual.

► 2.3. BNCC E CURRÍCULOS

A BNCC e os currículos estão afinados com os marcos legais citados nesta apresentação e têm papéis complementares. E, para cumprirem tais papéis, o texto introdutório da BNCC propõe as seguintes ações:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares [...];
- decidir sobre as formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares [...];
- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas [...];
- conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
- construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou resultado [...];
- selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos [...];
- criar e disponibilizar materiais e orientações para os professores [...];
- manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular [...].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 16-17. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

A implementação da BNCC deverá levar em conta, então, os currículos elaborados por estados e municípios, bem como por escolas. Além de incorporar essas contribuições, a BNCC recomenda contemplar também temas relevantes para o mundo em que vivemos e dar a esses temas um tratamento interdisciplinar. Entre esses temas, merecem especial atenção:

- Direitos das crianças e adolescentes (Lei nº 8.069/90);
- Educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97);
- Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/03);
- Preservação do meio ambiente (Lei nº 9.795/99);
- Educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/09);
- Educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/09).

2.3.1 BNCC E A COLABORAÇÃO DE CURRÍCULOS

No aspecto pedagógico, os conteúdos curriculares deverão estar a serviço do desenvolvimento de competências. Competência pode ser definida como possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem sua aplicação para tomar decisões pertinentes.

Não é demais lembrar que a elaboração de currículos com base em competências está presente em grande parte das reformas curriculares de diversos países do mundo. É esta também a abordagem adotada nas avaliações internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês).

► 2.4. A NOSSA COLEÇÃO E A BNCC

Nesse contexto pautado por reflexão, debates e mudanças e valendo-nos de uma experiência com a escrita da História acumulada ao longo dos anos, buscamos produzir materiais impressos e digitais alinhados aos pressupostos da BNCC, tais como respeito à pluralidade e à diversidade; busca por equidade e alinhamento a uma educação voltada para a inclusão.

Durante a escrita da nossa coleção didática de História, buscamos afinar a nossa sensibilidade a essas intenções nas escolhas iconográficas, nas abordagens culturais e na seleção de conteúdos, oferecendo assim à leitura uma obra capaz de contribuir efetivamente para a formação integral do ser humano, independentemente de sua origem ou condição social.

É um dos propósitos da nossa obra que esses princípios cheguem à carteira do aluno, de norte a sul do país, em forma de textos, imagens e atividades escolares. E, assim, somar nossos esforços aos dos educadores, pensadores e professores que, de fato, querem contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Acreditamos que essas escolhas vão impactar positivamente a aprendizagem dos alunos. E isso não é pouco quando se sabe que os leitores (alunos e professores) são a razão principal da nossa existência. Voltando-nos aos nossos colegas professores, criamos o Manual de apoio ao professor, com formato em “U” e orientações página a página, que incorporam experiências e reflexões oriundas da pesquisa acadêmica e do dia a dia da sala de aula.

Por fim, vale dizer que Austrália, Chile, Reino Unido e Estados Unidos construíram e implementaram uma base curricular nacional que tem favorecido a diminuição das discrepâncias educacionais e a melhoria da qualidade da Educação. Por que nós não havemos de conseguir?

3. ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização pode ser entendida como um processo que abarca desde a aquisição do código alfabético até o uso social da língua e das diferentes linguagens, nas mais diversas práticas sociais cotidianas. Nos anos iniciais, potencializamos atividades que contribuem para a aprendizagem e o domínio do Sistema de Escrita Alfabético (SEA), que é a base de nossa escrita.

Aprender a utilizar a linguagem escrita é uma das formas de realizar a leitura de mundo, repleto de outras linguagens – como a linguagem pictórica, a linguagem oral, a linguagem gestual, entre outras. Assim, o processo de alfabetização não se limita à aprendizagem da mecânica da língua; não basta codificar e decodificar, é preciso construir sentidos para o que se lê e atribuir sentidos para o que se escreve.

Textos de diferentes gêneros e formatos (escritos, visuais, híbridos), bem como propostas de escrita com diferentes propósitos, contribuem para a formação do leitor e do produtor textual competente. Entende-se, por leitor competente, aquele que é capaz de realizar leituras com diferentes propósitos (para

estudar, para buscar informações, para se divertir, para seguir instruções, entre outros) e compreendê-las; e por escritor competente aquele que consegue se comunicar (verbalmente ou por escrito), se fazer compreender. Vale ressaltar que a produção oral também precisa ser considerada como produção textual e que os gêneros orais, como debates regrados, seminários, *podcasts*, vídeos-minuto, entre outros, são gêneros que precisam ser ensinados no espaço escolar.

Para a formação do leitor autônomo, faz-se necessário investir em situações que favoreçam o domínio da **fluência em leitura**. A fluência de leitura pressupõe ritmo, entonação, compreensão global tanto na leitura em voz alta quanto na leitura realizada silenciosamente.

Como refere a Política Nacional de Alfabetização, a “**compreensão de textos é o propósito da leitura**”.³ Para que o leitor seja capaz de interpretar adequadamente um texto, ele precisa dominar as diferentes estratégias de produção e condições em que um texto é produzido. Segundo a PNA, são quatro processos gerais que permitem averiguar em que medida o leitor é capaz de atribuir significado ao que lê. São eles: a) localizar e retirar informação explícita; b) fazer inferência direta; c) interpretar e relacionar ideias e informação; e d) analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais.

Assim, além da fluência em leitura, é preciso promover também o **desenvolvimento do vocabulário**, tanto o receptivo quanto o expressivo. Para dominar o vocabulário de leitura, no processo inicial, os alunos têm como referência a própria fala, forma de linguagem que ele já desenvolveu.

A produção escrita, por sua vez, diz respeito a habilidade desde escrever palavras até produzir textos. O progresso nos níveis de produção escrita acontece à medida que se consolida a alfabetização e se avança na literacia. Para crianças mais novas, escrever ajuda a reforçar a consciência fonêmica e a instrução fônica. Para crianças mais velhas, a escrita ajuda a entender as diversas tipologias e gêneros textuais.⁴

Postas as questões anteriores sobre o significado da alfabetização, vale destacar duas premissas relevantes apresentadas na PNA. A primeira, que a aprendizagem da leitura e da escrita são processos de ensino-aprendizagem. Na leitura e na escrita, o que se ensina são estratégias que podem potencializar o processamento da informação e a construção de sentidos pelos estudantes, não apenas a identificação das combinações dos grafemas (a decodificação dos símbolos gráficos). Outra premissa destacada pela PNA coloca a família como participante deste processo, em coparticipação com a escola. Com especificidades bem definidas, família e escola podem atuar juntas no processo de alfabetização. Vamos, então, à compreensão de alguns dos conceitos fundamentais apresentados pela PNA.

► 3.1. LITERACIA E LITERACIA EMERGENTE

Entender o que e como a criança aprende, prescinde do conhecimento que se tem sobre a linguagem e sua relação com outros processos cognitivos envolvidos na relação ensino-aprendizagem. O conceito de **literacia** destaca a importância de compreender-se a

³ BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 34. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 34. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

inter-relação entre os diferentes conhecimentos que a criança vivencia desde o momento de seu nascimento para que aprenda a ler e escrever.

Assim, é preciso ter-se em mente que o início do processo de aquisição de leitura e escrita é pautado nos modelos de linguagem que a criança já adquiriu – ou seja, a fala, como já sinalizamos anteriormente. Ao ler para e com uma criança, de maneira dialogada, compartilhando com ela as ilustrações, apontando as palavras lidas, conversando a respeito de seus significados, mostra-se a possibilidade de uso da leitura, pelo compartilhamento da ideia escrita. Ao interpretar com a criança o texto lido, vivenciando com ela uma situação prazerosa, em que a imaginação e a criatividade possam estar em jogo, promove-se o incentivo à construção daquele conhecimento e potencializa-se a aprendizagem da escrita, alicerça-se o processo de alfabetização, constituindo-se, essas práticas, na **Literacia Emergente**.

Assim, podemos falar em **Literacia** como a aprendizagem de habilidades de leitura e escrita relacionada ao sistema de escrita da cultura em que a criança está inserida. No campo da literacia, as **competências leitoras** vão ganhando contornos iniciais na relação que a criança estabelece com diferentes interlocutores. As **estratégias de leitura**, de acordo com Isabel Solé,⁵ são instrumentos necessários para o desenvolvimento de uma leitura proficiente, usadas no ensino de leitura, pressupõem que o aluno compreenda e interprete de forma independente os textos lidos, permitindo a formação de um leitor independente, crítico e reflexivo.

► 3.2. LITERACIA FAMILIAR

As práticas relacionadas à leitura e à escrita que são vivenciadas e compartilhadas no ambiente familiar compreendem a **literacia familiar**. Tais práticas consistem no compartilhamento de leituras, bilhetes, textos no cotidiano familiar que incentivam às crianças a ler e escrever como práticas significativas. No contexto familiar, assim como na escola, a **leitura dialogada**, em que os familiares conversam com a criança sobre o conteúdo lido, a **leitura compartilhada**, em que cada um lê um trecho de uma história, por exemplo, ou a elaboração de textos coletivos (histórias, diários, álbuns, listas de compras ou de tarefas), são atividades que compõem a literacia familiar e que ajudam amplamente a incentivar a criança a adquirir e desenvolver a leitura e a escrita como práticas significativas. Além disso, como preconiza a BNCC, no campo dos estudos das ciências humanas, particularmente, aqui, de história, a valorização da parceria de trabalho com a família, fortalece o reconhecimento do Eu e o sentimento de pertencimento dos alunos à vida da família e da comunidade, bem como da própria história de vida e de sua cultura, fatores primordiais para a constituição de saberes e do sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou cultura.

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 397. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁵ SOLÉ, Isabel. . **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

► 3.3. CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA, FONÊMICA E FONOLÓGICA

Aprender a escrever significa apropriar-se do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) para poder utilizá-lo na produção de textos escritos que possam ser lidos e compreendidos autonomamente, sem a participação de algum mediador. Saber ler implica compreender o que as palavras escritas significam. Saber escrever implica em dominar o SEA e as regras de combinações entre as palavras de modo que se consiga transmitir suas ideias por essa modalidade, ou seja, ser lido e compreendido. O objetivo do ensino da leitura e da escrita é, portanto, mediar a aprendizagem de modo que o aprendiz tenha autonomia nessas atividades de produção e compreensão da escrita.

A percepção de que o Sistema de Escrita Alfabético (SEA) é constituído por letras que se combinam de acordo com regras para que se transformem em palavras, requer orientação, organização e muita experimentação para que se transforme em um conhecimento sistematizado. Nesse processo, o adulto é mediador na construção do conhecimento: promove situações para provocar na criança a tomada de consciência sobre cada parte constitutiva do SEA e os diferentes modos de combinação das letras e palavras que compõem um texto.

Na aprendizagem, a criança vai tomando consciência de que a fala é constituída de pequenas partes, chamadas **fonemas** (a **consciência fonêmica**) e que esses fonemas, combinados de diferentes maneiras, produzem sons diferentes. À percepção do resultado dessa combinação fonêmica, chama-se de **consciência fonológica**.

A consciência fonológica, como um ramo da consciência metalinguística, é entendida como a capacidade de refletir sobre a linguagem, mais especificamente sobre os sons que formam as palavras. Costa (2003, p. 138) define consciência fonológica como “a consciência de que as palavras são formadas por diferentes sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores”.

MADRIL, Liliana Fraga dos Santos. Consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e letramento: sequências didáticas na alfabetização. In: X ANPED SUL. *Anais [...]*, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1296-0.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

Nas várias combinações de sons, palavras, sentenças, textos falados e escritos se constroem e podem ser, também, compreendidos, nos jogos de palavras, nas interações, nas diferentes situações em que as palavras são enunciadas. À percepção dessas ações chama-se **consciência linguística**, que só é possível pela **mediação** do outro. É assim que a palavra “manga” pode ser entendida como parte de uma camisa ou uma fruta, que “sapo” combina com “papo” pelos sons das duas palavras, mais do que pelos sentidos. Assim, quando se ensina a ler e a escrever em um sistema alfabético, o que se ensina é um modo de representação gráfica que representa sons e sentidos por meio de letras e palavras.

Enfim, a exposição da criança a materiais em que a escrita esteja presente, com um adulto mediando a apropriação desses materiais para que eles façam sentido e sejam compreendidos em seus usos sociais, como nos ensina Vygotsky,⁶ potencializa a aprendizagem da criança em todos os aspectos de seu desenvolvimento integral, biopsicossocial e cultural.

A exposição a diferentes materiais e saberes, em diferentes relações sociais, promove a aprendizagem. O trabalho com História, como indicado pela BNCC, por meio dos **processos** de identificação,

⁶ VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto, estimula o pensamento, produz saberes, entre os quais destaca-se:

a capacidade de comunicação e diálogo, instrumento necessário para o respeito à pluralidade cultural, social e política, bem como para o enfrentamento de circunstâncias marcadas pela tensão e pelo conflito. A lógica da palavra, da argumentação, é aquela que permite ao sujeito enfrentar os problemas e propor soluções com vistas à superação das contradições políticas, econômicas e sociais do mundo em que vivemos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 398. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021)

► 3.4. NUMERACIA

Outro conceito importante apresentado na PNA é a **Numeracia**, ou seja, as habilidades de matemática que permitem resolver problemas da vida cotidiana e lidar com informações matemáticas.⁷ Segundo a PNA, o conhecimento dos processos de aprendizagem de leitura, escrita e matemática têm como objetivo a compreensão de diversas situações da vida e não se separam de outras dimensões do desenvolvimento como o físico, emocional, moral, social, cognitivo e linguístico, devendo sempre acontecer em contextos pedagógicos adequados.

De acordo com a BNCC, no desenvolvimento de conteúdos relativos à História, aprender a identificar códigos variados é tarefa necessária para o desenvolvimento da cognição, comunicação e socialização, competências essenciais para o viver em sociedade.⁸ Nesse contexto, um exemplo do quanto a numeracia é importante e pode ser implementada pela História, está na compreensão do significado sobre as diferentes formas de registros numéricos, de contagem de pessoas, por exemplo, que varia entre culturas diferentes. Identificar essas diferenças significa tomar consciência de que existem várias formas de apreensão da realidade.⁹

► 3.5. O PISA E A COMPETÊNCIA LEITORA

O Pisa é um exame que busca medir o conhecimento e a habilidade em leitura, matemática e ciências de estudantes com 15 anos de idade. Ele é organizado pela OCDE e ocorre de três em três anos.

Na primeira edição do Pisa, em 2000, o Brasil obteve 396 pontos em leitura; na sexta, ocorrida em 2015, atingiu a casa dos 407 pontos. Na edição de 2018, a média dos estudantes brasileiros foi a 413 pontos, um pequeno avanço em relação ao exame de 2015. É certo que houve uma melhoria desse indicador em relação à primeira edição, quando o resultado do Brasil foi de 396 pontos, mas essa elevação, segundo critérios da OCDE, não é estatisticamente relevante. Portanto, a situação de dificuldade com a competência leitora entre nossos estudantes tem permanecido estável por muito tempo, por isso o assunto merece atenção.

⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 24. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁸ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 404. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁹ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 403. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

Sabendo que o Pisa constrói as questões das provas de leitura com o objetivo de medir a compreensão e a interpretação de textos e imagens e o grau de autonomia do aluno para compreender a realidade e reconhecê-la por meio da representação gráfica, conclui-se que nossos alunos precisam muito desenvolver tanto a competência leitora quanto a escritora. Daí a ênfase que demos a esse trabalho desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

4. PROTAGONISMO DO ALUNO

O aluno é visto como protagonista na construção do saber histórico escolar. Daí a nossa decisão de escutar a voz do aluno, valorizar suas falas e suas produções. O aluno não é um vaso onde se plantam as flores que se quer, mas sim um sujeito ativo que, desde cedo, entra em contato com diferentes linguagens e tem de responder a diferentes estímulos: textuais, imagéticos, sonoros, gestuais, entre outros.

► 4.1. ATIVIDADES QUE ESTIMULAM O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Podemos distinguir três competências fundamentais nos seguintes níveis:

- **Nível básico:** se desenvolvem por meio de atividades como ler, identificar, observar, localizar, descrever, nomear, perceber, entre outras.
- **Nível operacional:** se desenvolvem por meio de atividades como associar, relacionar, comparar, compreender, interpretar, justificar, representar, entre outras.
- **Nível global:** se desenvolvem por meio de atividades como avaliar, analisar, aplicar, construir, concluir, deduzir, explicar, inferir, julgar, resolver, solucionar, entre outras.

A articulação entre esses três níveis de competências é decisiva no processo de ensino-aprendizagem e está no cerne da nossa proposta didático-pedagógica.

5. ENSINO DE HISTÓRIA E A NOVA CONCEPÇÃO DE DOCUMENTO

Na visão positivista da História, o documento era visto, sobretudo, como prova do real. Aplicada ao livro escolar, essa forma de ver o documento assumia um caráter teleológico – o documento cumpria uma função bem específica: ressaltar, exemplificar e, sobretudo, dar credibilidade à argumentação desenvolvida pelo autor. Na sala de aula isso se reproduzia: o documento servia para exemplificar, destacar e, principalmente, confirmar a fala do professor durante a exposição.

Com a Escola dos Annales, fundada pelos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, adveio uma nova concepção de documento que nasceu da certeza de que o pas-

sado não pode ser recuperado tal como aconteceu, e que a sua investigação só pode ser feita tomando-se por base os problemas colocados pelo presente. Essa nova corrente historiográfica, que se formou com base na crítica ao positivismo, propôs um número tão grande e significativo de inovações que o historiador Peter Burke referiu-se a essa corrente como “a Revolução Francesa da historiografia”.

Contrapondo-se à escola positivista, tributária do pensamento do filósofo alemão Leopold von Ranke, que via o documento como prova do real e capaz de falar por si mesmo, a Escola dos Annales propunha uma ampliação e um novo tratamento a ser dado ao documento. Eis o que diz Jacques Le Goff, um dos teóricos da nova História:

[...] A História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: [...] figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a História Nova, documentos de primeira ordem. [...]

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 28-29.

Mas, se por um lado, é consensual entre os historiadores que estamos vivendo uma “revolução documental”, a reflexão sobre o uso de documentos em sala de aula merece maior atenção. Com base nas reflexões daqueles que pensaram o assunto e em nossa experiência docente recomendamos, ao trabalhar com documentos na sala de aula:

- a) evitar ver o documento como “prova do real”, procurando situá-lo como ponto de partida para se construírem aproximações em torno do episódio focalizado;
- b) ultrapassar a descrição pura e simples do documento e apresentá-lo ao aluno como matéria-prima de que se servem os historiadores na sua incessante pesquisa;
- c) considerar que um documento não fala por si mesmo. É necessário levantar questões sobre ele e com base nele. Um documento sobre o qual não se sabe por quem, para que e quando foi escrito é como uma fotografia sem crédito ou legenda: tem pouca serventia para o historiador;
- d) levar em conta que todo documento é um objeto material e, ao mesmo tempo, portador de um conteúdo;
- e) considerar que não há conhecimento neutro: um documento tem sempre um ou mais autores, e ele(s) tem(têm) uma posição que é necessário que se saiba identificar. Visto por este ângulo, o trabalho com documentos tem pelo menos três utilidades:
 - facilita ao professor o desempenho de seu papel de mediador. A sala de aula deixa de ser o espaço onde se ouvem apenas as vozes do professor ou a do autor do livro didático (tido muitas vezes como narrador onisciente que tudo sabe e tudo vê) para

ser o lugar onde ecoam múltiplas vozes, incluindo-se aí as vozes de pessoas que presenciaram os fatos focalizados;

- possibilita ao aluno desenvolver um olhar crítico e aperfeiçoar-se como leitor e produtor de textos históricos;
- diminui a distância entre o conhecimento acadêmico e o saber escolar, uma vez que o aluno é convidado a se iniciar na crítica e contextualização dos documentos, procedimento importante para a educação histórica.

► 5.1. O TRABALHO COM IMAGENS FIXAS

Vivemos em uma civilização da imagem. Uma grande quantidade de imagens é posta diariamente diante dos olhos dos nossos alunos numa velocidade crescente, e sua transformação em fonte para o conhecimento da História pode, com certeza, ajudar na formação de um leitor atento, autônomo e crítico. Um leitor capaz de perceber que a imagem não reproduz o real; ela congela um instante do real “organizando-o” de acordo com uma determinada estética e visão de mundo. Um leitor capaz de receber criticamente os meios de comunicação; capaz, enfim, de perceber que a imagem efêmera que a mídia veicula como verdadeira pode ser – e quase sempre é – a imagem preferida, a que se escolheu mostrar!

Esse fato não passou despercebido pelos professores que, reconhecendo o potencial pedagógico das imagens, passaram a utilizá-las com frequência no ensino de História. Elencamos a seguir alguns cuidados necessários para o trabalho com elas.

► 5.2. CUIDADOS AO TRABALHAR COM IMAGENS

Ao se decidir pelo uso de imagens fixas na sala de aula, levar em conta que essa prática pedagógica requer vários cuidados, alguns dos quais são listados a seguir:

5.2.1. A IMAGEM É POLISSÊMICA

Misto de arte e ciência, técnica e cultura, a imagem é polissêmica; até um simples retrato admite várias interpretações. Exemplo disso é ver um álbum de fotografias em família – uma mesma foto que desperta alegria ou satisfação nos avós poderá ser causa de inibição ou vergonha para os netos. Outro exemplo:

Mona Lisa, certamente o quadro mais conhecido do mundo, pode ser tomado como exemplo dessa característica da

MUSEU DO LOUVRE, PARIS, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Leonardo da Vinci. **Mona Lisa**, 1503-1518. Óleo sobre madeira, 77 cm x 53 cm.

imagem. Já se afirmou que se estivermos melancólicos temos tendência a ver, no sorriso enigmático da personagem retratada, melancolia; se estivermos alegres, ela nos parecerá contente; ou seja, ela expressa os nossos sentimentos no momento em que a vemos.

5.2.2. A IMAGEM É UMA REPRESENTAÇÃO DO REAL

De natureza polissêmica, a imagem é uma representação do real e não a sua reprodução. Sobre isso relata Pierre Villar que certa vez perguntou a seus alunos:

— O que é Guernica?

Eles lhe responderam imediatamente:

— Guernica é um quadro!

Daí comenta o arguto historiador Pierre Villar:

Efetivamente, [...] Guernica – no espírito de muita gente que não tem mais cuidado de saber exatamente de onde isto surgiu – é um quadro de Picasso. [...] Guernica tornou-se a representação de um fato preciso. O fato preciso está esquecido, a representação continua.

D'ALESSIO, Márcia Mansor *et al.* (org.). **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 30. (Prismas).

O fato preciso a que Pierre Villar está se referindo é, como se sabe, o bombardeio da pequenina cidade espanhola de Guernica pela aviação nazista, a mando de Hitler, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O fato, o bombardeio, ocorrido em 26 de abril de 1937, foi esquecido; a representação produzida por Picasso, um óleo sobre tela, com o nome de Guernica, permaneceu marcando gerações. Não é demais repetir – quando o professor perguntou o que é Guernica, os alunos responderam: um quadro.

© SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS, BRASIL, 2021



▲ Pablo Picasso. **Guernica**, 1937. Óleo sobre tela, 349 cm x 776 cm.

5.2.3. A IMAGEM POSSUI UM EFEITO DE REALIDADE

O que torna mais escorregadio o terreno para quem se decide pelo uso de imagens na sala de aula é justamente o fato de a imagem possuir um efeito de realidade, ou seja, a capacidade de parecer a própria realidade.

Se apresentarmos ao alunado a imagem de D. Pedro I, de barba escura, e a de D. Pedro II, de barba branca, e perguntarmos qual deles é o pai e qual é o filho, muitos dirão, provavelmente, que D. Pedro I é que é o filho de D. Pedro II!

Sobre a construção das imagens de D. Pedro I, como jovem, e a de D. Pedro II, como velho, observou uma estudiosa:

A ilustração do pai jovem e do filho velho tem causado uma certa perplexidade aos jovens leitores e falta a explicação do aparente paradoxo. A imagem de um D. Pedro II velho foi construída no período pós-monárquico e demonstra a intenção dos republicanos em explicar a queda de uma monarquia envelhecida que não teria continuidade. É interessante destacar a permanência dessas ilustrações na produção atual dos manuais, reforçando uma interpretação utilizada pelos republicanos no início do século XX, mesmo depois de variadas pesquisas e publicações historiográficas sobre os conflitos e tensões do período.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 80.

COLEÇÃO PARTICULAR, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Simpício Rodrigues de Sá. **D. Pedro I**, 1826. Óleo sobre tela, 60 cm x 76 cm.

MUSEU IMPERIAL, PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Pedro Américo. **D. Pedro II na abertura do Parlamento**, 1872. Óleo sobre tela.

5.2.4. VER NÃO É SINÔNIMO DE CONHECER

Vivemos num tempo em que se busca reduzir o acontecimento à sua imagem, em vez de explicá-lo e contextualizá-lo historicamente; numa época em que querem nos fazer crer que ver é sinônimo de conhecer. No entanto, é preciso que se repita à exaustão: “eu vi” não significa “eu conheço”. Assim, ver no noticiário televisivo um episódio do conflito no Oriente Médio não significa conhecer aquele conflito, seus motivos, contexto, teatro de operações etc. Sobre isso disse uma estudiosa:

Os historiadores se deparam hoje com este fenômeno histórico inusitado: a transformação do acontecimento em imagem. [...] Não se busca mais tornar politicamente inteligíveis uma situação ou um acontecimento, mas apenas mostrar sua imagem. Conhecer se reduz a ver ou, mais ainda, a “pegar no ar”, já que a mensagem da mídia é efêmera.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 80.

Um equívoco recorrente quando o assunto é imagem é a afirmação de que a imagem fala por si mesma. Como lembrou uma ensaísta:

É ilusório pensar-se que as imagens se comuniquem imediata e diretamente ao observador, levando sempre vantagem à palavra, pela imposição clara de um conteúdo explícito. Na maioria das vezes, ao contrário, se calam em segredo, após a manifestação do mais óbvio: por vezes, em seu isolamento, se retraem à comunicação, exigindo a contextualização, única via de acesso seguro ao que possam significar. Por outro lado, são difíceis de se deixarem traduzir num código diverso como o da linguagem verbal.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993. p. 12.

De fato, a imagem é captada pelo olho, mas traduzida pela palavra. Tomá-la como fonte para o conhecimento da História envolve vê-la como uma representação, uma estratégia, uma linguagem com sintaxe própria; para obter as informações com base nela é indispensável desnaturalizá-la e contextualizá-la, interrogando-a com perguntas como: por que, por quem, em que contexto e com que intenção foi produzida. É indispensável, enfim, perceber que a imagem não reproduz o real; ela congela um instante do real, “organizando-o” de acordo com uma determinada estética e visão de mundo.

► 5.3. IMAGENS FIXAS NA SALA DE AULA

O trabalho com imagens pode ajudar no desenvolvimento da competência de ler e escrever com base no registro visual, bem como estimular as habilidades de observar, descrever, sintetizar, relacionar e contextualizar. Além disso, contribui decisivamente para a “educação do olhar”, para usar uma expressão cunhada por Circe Bittencourt.

Com base nas reflexões de alguns estudiosos e em nossa experiência didática, e cientes de que essa tarefa não é das mais fáceis, propomos a seguir alguns procedimentos para introduzir a leitura de imagens fixas na sala de aula:

Passo número 1. Apresentar ao aluno uma imagem (fotografia, pintura, gravura, caricatura etc.) sem qualquer legenda ou crédito. A seguir, pedir a ele que observe a imagem e, antes de qualquer coisa, descreva livremente o que está vendo. A intenção é permitir que o aluno associe o que está vendo às informações que já possui, levando em conta, portanto, seus conhecimentos prévios. Nessa leitura inicial, o aluno é estimulado a identificar o tema, as personagens, suas ações, posturas, vestimentas, calçados e adornos, os objetos presentes na cena e suas características, o que está em primeiro plano e ao fundo, se é uma cena cotidiana ou rara. Enfim, estimular no aluno o senso de observação e a capacidade de levantar hipóteses e traçar comparações.

Passo número 2. Buscar com o aluno o máximo de informações internas e externas à imagem.

Para obter as informações internas (quando o destaque forem as pessoas), fazer perguntas como: Quem são? Como estão vestidas? O que estão fazendo?

Quem está em primeiro plano? E ao fundo? etc. Já quando o destaque for um objeto, perguntar: O que é isto? Do que é feito? Para que serve ou servia? Onde se encontra?

Quanto às informações externas, perguntar: Quem fez? Quando fez? Para que fez? Em que contexto fez?

Passo número 3. De posse das informações obtidas na pesquisa, pedir ao aluno, ele próprio, que produza uma legenda para a imagem. A legenda pode ser predominantemente descritiva, explicativa, analítica e/ou ainda conter uma crítica.

Na produção da legenda pelo aluno, são trabalhadas principalmente as habilidades de observar, descrever, associar, relacionar, sintetizar e, por fim, contextualizar. Levar o aluno a contextualizar o oceano de imagens que seus olhos absorvem a todo instante numa velocidade crescente talvez seja um dos maiores desafios do professor de História.

Por fim, uma pergunta: por que trabalhar com imagens em sala de aula?

O trabalho com imagens na sala de aula atende a três propósitos:

- a) educar o olhar;
- b) contribuir para a formação ou consolidação de conceitos;
- c) estimular a competência escritora.

Na nossa prática docente, nós, professores de História, habitualmente propomos um texto, o interrogamos, e, assim, estimulamos o alunado a escrever com base nele. O que estamos propondo é continuar estimulando a escrita com base em um texto, mas, ao mesmo tempo, levar o alunado a escrever também com base em uma imagem (um texto para ela, sobre ela, tomando-se por base ela).

6. POR QUE ESTUDAR A TEMÁTICA AFRO E A TEMÁTICA INDÍGENA?

Em 2003, coroando uma luta de décadas da sociedade civil, o governo promulgou a Lei nº 10.639, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

A Lei nº 11.645/08 modificou a Lei nº 10.639/03 e acrescentou a obrigatoriedade de também se estudarem história e cultura dos povos indígenas no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

Será que é por obediência à lei que se devem estudar a temática afro e a temática indígena?

Não só, pois, além de obedecer à lei e contribuir, assim, para a construção da cidadania, há razões para se trabalharem a temática afro e a indígena na escola que merecem ser explicitadas, a saber:

- a) o estudo das matrizes afro e indígena é fundamental para a construção de identidades;
- b) esse trabalho atende a uma antiga reivindicação dos movimentos indígenas e dos movimentos negros: “o direito à história”;
- c) o estudo dessas temáticas contribui para a educação voltada à tolerância e ao respeito ao “outro” e, desse modo, é indispensável a toda população brasileira, seja ela indígena, afro-brasileira ou não.

Cabe lembrar também que a população indígena atual, cerca de 897 mil pessoas, segundo o Censo do IBGE-2010, vem crescendo e continua lutando em defesa de seus direitos à cidadania plena. Já os afro-brasileiros (pardos e pretos, segundo o IBGE) constituem mais da metade da população brasileira. Além disso, todos os brasileiros, independentemente da cor ou da origem, têm o direito e a necessidade de conhecer a diversidade étnico-cultural existente no território nacional. Sobre esse assunto o historiador Itamar Freitas disse:

Em síntese, nossos filhos e alunos têm o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. E mais, que a diferença e a diversidade são benéficas para a convivência das pessoas, a manutenção da democracia, e a sobrevivência da espécie.

FREITAS, Itamar. A experiência indígena no ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **História: ensino fundamental**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 161. (Coleção Explorando o ensino).

Do ponto de vista da alfabetização, da linguagem, há mais um fator importante: há muita influência dessas culturas, desses povos na nossa língua, na estrutura e no vocabulário – entender a história dos povos, da cultura ajuda na compreensão das palavras e, conseqüentemente, na memorização da forma ortográfica de grafia das palavras.

Se a utilidade da internet é consenso entre os educadores, os procedimentos para seu uso têm sido alvo de acalorados debates. Uma das questões que mais tem preocupado os educadores é que, se, por um lado, a internet facilita o acesso a um leque amplo de textos e imagens, por outro, pode criar o hábito de buscar o “trabalho pronto”, usando o famoso copiar/colar/imprimir; ou seja, encerrando a pesquisa naquele que deveria ser o seu primeiro passo. No que tange ao nosso campo de atuação, a questão pode ser resumida na seguinte pergunta: a internet serve ao professor de História?

Sim, certamente; para isso, sugerimos alguns procedimentos:

- a) Definir previamente os objetivos da pesquisa e solicitar aos alunos que, enquanto estiverem pesquisando, não desviem a atenção da proposta inicial, entrando em salas de bate-papo ou locais para ouvir música ou jogar.
- b) Encorajar a problematização dos materiais encontrados na rede; depois de localizar os *sites* que tratam de um mesmo assunto ou tema, estimular o alunado a questionar as fontes em que os *sites* se apoiam, identificar as ausências de informações significativas sobre o assunto, confirmar a veracidade das informações veiculadas, e, por fim, estimular o posicionamento crítico diante das informações e análises ali disponíveis.
- c) Sugerir ao alunado que relacione os *sites* encontrados a outros materiais sugeridos em aula, favorecendo a percepção de que *sites*, livros, revistas científicas e entrevistas são fontes complementares. Isso poderá facilitar a percepção de que um tema histórico pode ser melhor compreendido se recorrermos a diferentes fontes e à crítica das mesmas.
- d) Alertar o alunado para o fato de que nem tudo o que está na rede é verdade e que as *homepages* são por vezes muito pouco consistentes. Por isso, a indicação do tema deve vir acompanhada de perguntas que orientem os alunos a investigar. Sugerimos, quando possível, oferecer um conjunto de *sites* confiáveis sobre o assunto.
- e) Incentivar os alunos a trocarem informações com colegas de outras escolas do Brasil e/ou de outros países via redes sociais. Por meio delas, os alunos poderão também entrar em contato com autores, órgãos governamentais, instituições privadas, *blogs* de professores, entre outros. Esse acesso às informações/versões significativas é, com certeza, útil à educação histórica.

Assim utilizada, a internet pode ajudar os educandos a desenvolver competências e habilidades que lhes permitam apreender as várias durações temporais nas quais os diferentes atores sociais desenvolveram ou desenvolvem suas ações, condição básica para que sejam identificadas semelhanças/diferenças, mudanças/permanências e dominação/resistência existentes no processo histórico.

8. CONCEITOS-CHAVE DA ÁREA DE HISTÓRIA

Nesta obra nós trabalhamos alguns conceitos-chave na nossa disciplina como: História; tempo; cronologia; cultura, patrimônio cultural; identidade; memória; política e cidadania. A seguir, organizamos uma espécie de glossário com esses conceitos, que pode ser útil ao trabalho do professor na preparação de sua aula.

História: Marc Bloch define a História como estudo das sociedades humanas no tempo. Para ele:

O historiador nunca sai do tempo..., ele considera ora as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessem, longitudinalmente, a duração, ora o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 135.

Seguindo a trilha aberta por Bloch, o historiador Holien Bezerra afirma que a História busca desvendar “as relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços”.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007. p. 42.

Tempo: conceito-chave em História – O tempo é uma construção humana, e a percepção da passagem do tempo é uma construção cultural; varia de uma cultura a outra. As principais dimensões do tempo são: duração, sucessão e simultaneidade. Isto pode ser trabalhado em aula apresentando-se as diferentes maneiras de vivenciar e apreender o tempo e de registrar a duração, sucessão e simultaneidade dos eventos – tais conteúdos tornam-se, portanto, objetos de estudos históricos. O tempo que interessa ao historiador é o tempo histórico, o tempo das transformações e das permanências; o tempo histórico não obedece a um ritmo preciso e idêntico como o do relógio e/ou dos calendários, por isso, o historiador considera diferentes temporalidades/durações: a longa, a média e a curta duração.

Cronologia: sistema de marcação e datação baseado nas regras estabelecidas pela ciência astronômica, que tenta organizar os acontecimentos numa sequência regular e contínua.

Cultura:

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto à forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Brasília, DF: Iphan, 2012. p. 7. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

Sobre esse conceito, o professor Holien Gonçalves Bezerra afirma:

[...] Cultura não é apenas o conjunto de manifestações artísticas. Envolve as formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos das religiões, das festas etc. assim, o estudo das identidades sociais, no âmbito das representações culturais, adquire significado e importância para a caracterização de grupos sociais e de povos.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007. p. 46.

Patrimônio Cultural:

Constituem patrimônio histórico brasileiro os bens de natureza material e imaterial [...] nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 134. (Repensando o Ensino).

Identidade: pode ser definida como a construção do “eu” e do “outro” e a construção do “eu” e do “nós”, que tem lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social. Essa construção baseia-se no reconhecimento de semelhanças/diferenças e de mudanças/permanências. Sobre o assunto disse uma ensaísta:

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a serem constituídas pela História

escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial.

A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular.

BITTENCOURT Circe, **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 121.

A construção de identidades está relacionada também à memória.

Memória: Segundo Pedro Paulo Funari: “A memória [...] é uma recriação constante no presente, do passado enquanto representação, enquanto imagem impressa na mente”.¹⁰ Memória pode ser definida então como o modo pelo qual os seres humanos se lembram ou se esquecem do passado; já a História pode ser vista como a crítica da memória. Em sociedades complexas, como a que vivemos, a memória coletiva cede lugar aos lugares de memória como museus, bibliotecas, espaços culturais, galerias, arquivos ou a uma “grande” história, a história da nação. A memória nos remete à questão do tempo.

Cidadania: o conceito de cidadania – chave na nossa proposta de ensino de História – tem como base as reflexões dos historiadores Carla Bassanezi Pinsky e Jaime Pinsky:

Afinal, o que é ser cidadão?

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. Este livro trata do processo histórico que levou a sociedade ocidental a conquistar esses direitos, assim como dos passos que faltam para integrar os que ainda não são cidadãos plenos.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9.

A compreensão da cidadania numa perspectiva histórica de lutas, confrontos e negociações, e constituída por intermédio de conquistas sociais de direitos, pode servir como referência para a organização dos conteúdos da disciplina histórica. Vale lembrar ainda que os conceitos possuem uma história, e que esta variou no tempo e no espaço. Cientes disso, evitamos visões anacrônicas, a-históricas ou carregadas de subjetividade.

¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade clássica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 16.

Memória:

[...] a memória na concepção de [Meurice] Halbwachs é um processo de reconstrução, devendo ser analisada levando-se em consideração dois aspectos: o primeiro refere-se ao fato de que não se trata de uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais; por outro lado, se diferencia dos acontecimentos e vivências que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais.

Para este, a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva.

Segundo Halbwachs o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo. [...]

[...] Halbwachs identifica que ao lado da memória coletiva, há também a chamada memória individual. Esta por sua vez, pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, ponto de vista este, que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo, assim como também está condicionado às relações que mantemos com outros ambientes. A assimilação das lembranças pode variar de membro para membro, visto que a quantidade de lembranças que são transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, é realizada a partir do ponto de vista de cada sujeito.

A memória individual não está de todo isolada, ao passo que toma como referência sinais externos ao sujeito, isto é, a memória coletiva. [...] Para tanto, é importante assinalar que as lembranças que se destacam em primeiro plano da memória de um grupo social, são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de integrantes desse grupo. Existe então, uma estreita relação entre memória coletiva e memória individual. Para Halbwachs:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

[...]

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, ago. 2016, p. 249-250. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

9. QUADRO DE CONTEÚDOS DA COLEÇÃO

Para facilitar seu trabalho de planejamento e contemplar a proposta pedagógica da coleção, apresentamos enfim o quadro de conteúdos dos cinco volumes da coleção.

Considerando os pressupostos teórico-metodológicos expostos anteriormente, cada livro apresenta-se estruturado em quatro unidades temáticas.

1º ANO	Unidade	Capítulo
	1. Ser criança	1. Vamos nos apresentar!
		2. Criança, tempo e história
	2. Criança, família e comunidade	1. Viver em família
		2. Regras de convivência
	3. Brinquedos e brincadeiras	1. Brinquedos e brincadeiras
		2. Outros povos, outros modos de brincar
	4. A vida na família e na escola	1. As famílias são diferentes
		2. As escolas são diferentes
		3. Datas comemorativas

2º ANO	Unidade	Capítulo
	1. Meu lugar, minha comunidade	1. Eu e o outro, nós e os outros
		2. Rua
	2. O tempo	1. Contando o tempo
		2. Antes, durante e depois
		3. Relógio e calendário
	3. Registros históricos	1. Os objetos contam uma história
		2. Documentos pessoais
	4. Trabalho e meio ambiente	1. Trabalho e comunidade
		2. Trabalho e ambiente

	Unidade	Capítulo
3º ANO	1. Histórias de cidades brasileiras	1. Municípios brasileiros
		2. Cidades: histórias e culturas
	2. Patrimônio e memória	1. Patrimônios do Brasil
		2. Lugares de memória
	3. Comunidades, espaço e poder	1. Comunidades
		2. Espaço e poder
	4. Campo e cidade, trabalho e lazer	1. Mundo do trabalho
		2. Trabalho
		3. Trabalho e lazer no tempo

	Unidade	Capítulo
4º ANO	1. Mudanças e permanências	1. Quem faz a história
		2. Tempo e primeiros tempos
	2. Circulação e comunicação na história	1. Da África para o mundo
		2. Cidades do presente e do passado
		3. Meios de comunicação: passado e presente
	3. Formação do povo brasileiro	1. Povos indígenas no Brasil
		2. Portugueses onde hoje é o Brasil
		3. Africanos antes e depois dos Europeus
	4. Abolição e imigração	1. Abolição
		2. Da Europa para a América
		3. Imigrantes: trabalho, resistência e cultura

	Unidade	Capítulo
5º ANO	1. Cultura, tempo e calendário	1. O “tempo do relógio” e outros tempos
		2. Os primeiros povoadores da Terra
		3. Povos antigos: religião e cultura
	2. Cidadania: passado e presente	1. O respeito à diversidade e à pluralidade
		2. Cidadania: conquistas dos povos
		3. Cidadania: conquistas do povo brasileiro
	3. Linguagens e debates	1. O uso de diferentes linguagens na comunicação
		2. Debates do nosso tempo
	4. Patrimônio e marcos de memória	1. Patrimônios da humanidade
		2. Marcos de memória

10. AVALIAÇÃO

Sabe-se que o processo de construção do conhecimento é dinâmico e não linear, assim, avaliar a aprendizagem implica avaliar também o ensino oferecido. É importante que toda a avaliação esteja relacionada aos objetivos propostos e, para atingi-los, é indispensável que os estudantes aprendam mais e melhor. Assim, os resultados de uma avaliação devem servir para reorientar a prática educacional e nunca como um meio de estigmatizar os estudantes.

Para pensar a avaliação, cuja importância é decisiva no processo de ensino-aprendizagem, lançamos mão das reflexões de César Coll¹¹ e dos PCNs. Para César Coll, a avaliação pode ser definida como uma série de atuações que devem cumprir duas funções básicas:

- diagnosticar: ou seja, identificar o tipo de ajuda pedagógica que será oferecida aos estudantes e ajustá-la progressivamente às características e às necessidades deles;
- controlar: ou seja, verificar se os objetivos foram ou não alcançados (ou até que ponto o foram).

Para diagnosticar e controlar o processo educativo, César Coll recomenda o uso de três tipos de avaliação:

	Avaliação diagnóstica	Avaliação formativa	Avaliação somativa
O que avaliar?	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Os progressos, dificuldades, bloqueios etc. que marcam o processo de aprendizagem.	Os tipos e graus de aprendizagem que estipulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) a propósito dos conteúdos selecionados.
Quando avaliar?	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
Como avaliar?	Consulta e interpretação do histórico escolar do estudante. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos estudantes ante perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos estudantes a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999. p. 151.

¹¹ COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999.

A **avaliação diagnóstica** busca verificar os conhecimentos prévios dos estudantes e possibilita a eles a tomada de consciência de suas limitações (imprecisões e contradições dos seus esquemas de conhecimento) e da necessidade de superá-las. A seção **O que sabemos?** busca oferecer subsídios para este tipo de avaliação no início do ano letivo.

A **avaliação formativa** visa avaliar o processo de aprendizagem. A avaliação formativa pode ser feita por meio da observação sistemática do estudante, com a ajuda de planilhas de acompanhamento (ficha ou instrumento equivalente em que se registram informações úteis ao acompanhamento do processo). Cada professor deve adequar a planilha de acompanhamento às suas necessidades. A seção **Retomando** busca oferecer subsídios para este tipo de avaliação ao fim das unidades. Ao longo deste Manual, as sugestões da seção **+Atividades** também podem servir ao propósito da avaliação formativa.

A **avaliação somativa** procura medir os resultados da aprendizagem dos estudantes confrontando-os com os objetivos que estão na origem da intervenção pedagógica, a fim de verificar se estes foram ou não alcançados ou até que ponto o foram. Ao final do livro, há a seção **O que aprendemos**, na qual você encontrará atividades que contribuem para esta avaliação.

Note-se que os três tipos de avaliação estão interligados e são complementares, podendo se desdobrar em processos com diferentes propostas. Nesta obra, há atividades variadas e cada uma delas pode servir a um desses propósitos avaliativos. Por meio deles o professor colhe elementos para planejar; o estudante toma consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades; a escola identifica os aspectos das ações educacionais que necessitam de maior apoio.

A avaliação, portanto, deve visar ao processo educativo como um todo e não ao êxito ou fracasso dos estudantes.

► 10.1. ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO

Recomendamos que se empreguem na avaliação:

- a) **observação sistemática**: visa trabalhar as atitudes dos estudantes. Para isso, pode-se utilizar o diário de classe ou instrumento semelhante para fazer anotações. Exemplo: você pediu que os estudantes trouxessem material sobre a questão do meio ambiente, e um estudante, cujo rendimento na prova escrita não havia sido satisfatório, teve grande participação na execução desta tarefa; isto deverá ser levado em consideração na avaliação daquele bimestre. A observação sistemática será fundamental, por exemplo, nas atividades distribuídas ao longo dos capítulos, nas seções **Você cidadão!** e **Escutar e falar**, por exigirem dos estudantes espírito associativo e realização de produções variadas.
- b) **análise das produções dos estudantes**: busca estimular a competência do estudante na produção, leitura e interpretação de textos e imagens. Sugerimos levar em conta toda a produção, e não apenas o resultado de uma prova, e avaliar o desempenho em todos os trabalhos (pesquisa, relatório, história em qua-

drinhos, releitura de obras clássicas, prova etc.). Note-se que, para o estudante escrever ou desenhar bem, é necessário que ele desenvolva o hábito.

- c) atividades específicas:** visam estimular, sobretudo, a objetividade do estudante ao responder a um questionário ou expor um tema. Exemplo de pergunta: Pode-se dizer que no dia 22 de abril de 1500 o Brasil foi descoberto? Resposta: Não, pois as terras que hoje formam o Brasil eram habitadas por milhões de indígenas quando a esquadra de Cabral aqui chegou. Complemento da resposta: 22 de abril foi o dia em que Cabral tomou posse das terras que viriam a formar o Brasil para o rei de Portugal.
- d) autoavaliação:** visa ajudar o estudante a ganhar autonomia e a desenvolver a autocrítica. O estudante avalia suas produções e a recepção de seu trabalho entre os outros estudantes, bem como a comunicação de seus argumentos e resultados de trabalho.

10.1.1. MODELO DE OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Seguem abaixo alguns parâmetros que contribuem para o processo de avaliação (individual e autoavaliação).

1. Participação do(a) aluno(a):

- a) Na elaboração e na execução das atividades.
- b) No desenrolar do processo.
- c) Na criação e na confecção de produtos e materiais para a aula.
- d) Nas apresentações.
- e) Nas atividades que mais exigem cooperação e solidariedade.

2. Desempenho do(a) aluno(a):

- a) Quanto à aquisição de conteúdos conceituais e procedimentais.
- b) Quanto à atitude.
- c) Nas diferentes avaliações.
- d) Quanto à capacidade de argumentação, oral e escrita.
- e) Quanto à resolução de problemas.

3. Autoavaliação

A autoavaliação é um aprendizado fundamental para a construção da autonomia do(a) aluno(a); além disso, democratiza o processo, pois envolve diferentes pontos de vista. Sugestões de perguntas para a autoavaliação:

- Você considerou interessante a atividade ou o trabalho realizados?
- Tinha conhecimentos anteriores que o(a) auxiliaram na realização?
- Foi fácil ou difícil? Se foi difícil, saberia dizer por quê?
- Como você avalia sua participação no grupo? (Realizou tarefas que contribuíram para o trabalho? Sugeriu formas de organizar o trabalho? Colaborou com seus colegas na realização de tarefas?).
- Você considera que a maneira como o tema foi abordado ajudou na sua compreensão dos conteúdos e propostas de atividades?

► 10.2. FICHAS PARA MONITORAMENTO DE APRENDIZAGEM

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

UNIDADE 1 • CULTURA, TEMPO E CALENDÁRIO

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ **Nº do estudante:** _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Entende o conceito de cultura?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de tempo e suas dimensões?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece os processos de passagem do nomadismo ao sedentarismo?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece diferentes tipos de calendários usados pelos povos?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o significado de sedentarismo?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância da descoberta da agricultura e seus desdobramentos para a humanidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende a formação das primeiras cidades?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece o papel das culturas e das religiões nas identidades dos povos antigos, tendo como exemplo a Mesopotâmia e o Egito?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra respeito à diversidade cultural?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Necessita de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Entende o conceito de cultura?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de tempo e suas dimensões?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece os processos de passagem do nomadismo ao sedentarismo?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece diferentes tipos de calendários usados pelos povos?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o significado de sedentarismo?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância da descoberta da agricultura e seus desdobramentos para a humanidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende a formação das primeiras cidades?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece o papel das culturas e das religiões nas identidades dos povos antigos, tendo como exemplo a Mesopotâmia e o Egito?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra respeito à diversidade cultural?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Desenvolve a noção de cidadania?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra respeito à diversidade e à pluralidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Relaciona a noção de cidadania à conquista de direitos dos povos?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece os direitos enquanto conquista histórica?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica diferenças e semelhanças nos conteúdos desenvolvidos?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Desenvolve a noção de cidadania?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra respeito à diversidade e à pluralidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Relaciona a noção de cidadania à conquista de direitos dos povos?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece os direitos enquanto conquista histórica?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica diferenças e semelhanças nos conteúdos desenvolvidos?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Necessita de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Compara as diferentes linguagens e seus usos no processo de comunicação?	PC	
	EC	
	NE	
• Valoriza o uso e o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais?	PC	
	EC	
	NE	
• Compara o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação?	PC	
	EC	
	NE	
• Avalia os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a essas linguagens e tecnologias?	PC	
	EC	
	NE	
• Discerne e debate diferentes pontos de vista sobre temas do nosso dia a dia?	PC	
	EC	
	NE	
• Usa diferentes fontes históricas para embasar esse debate?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Compara as diferentes linguagens e seus usos no processo de comunicação?	PC	
	EC	
	NE	
• Valoriza o uso e o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais?	PC	
	EC	
	NE	
• Compara o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação?	PC	
	EC	
	NE	
• Avalia os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a essas linguagens e tecnologias?	PC	
	EC	
	NE	
• Discerne e debate diferentes pontos de vista sobre temas do nosso dia a dia?	PC	
	EC	
	NE	
• Usa diferentes fontes históricas para embasar esse debate?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Realizou levantamento de patrimônios materiais e imateriais da humanidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Analisa mudanças e permanências nesses patrimônios no tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende os conceitos de patrimônio material, imaterial e natural?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece alguns exemplos de patrimônios culturais brasileiros?	PC	
	EC	
	NE	
• Diferencia patrimônio material de patrimônio imaterial?	PC	
	EC	
	NE	
• Caracteriza patrimônio natural?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de marco de memória?	PC	
	EC	
	NE	
• Analisa a presença ou ausência de diferentes grupos na nomeação desses marcos de memória?	PC	
	EC	
	NE	
• Analisa a transformação do 21 de Abril em um marco de memória?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Realizou levantamento de patrimônios materiais e imateriais da humanidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Analisa mudanças e permanências nesses patrimônios no tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende os conceitos de patrimônio material, imaterial e natural?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece alguns exemplos de patrimônios culturais brasileiros?	PC	
	EC	
	NE	
• Diferencia patrimônio material de patrimônio imaterial?	PC	
	EC	
	NE	
• Caracteriza patrimônio natural?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de marco de memória?	PC	
	EC	
	NE	
• Analisa a presença ou ausência de diferentes grupos na nomeação desses marcos de memória?	PC	
	EC	
	NE	
• Analisa a transformação do 21 de Abril em um marco de memória?	PC	
	EC	
	NE	

11. MATRIZ ARTICULADORA DESTE VOLUME

► 11.1. CONCEITOS, BNCC E COMPONENTES ESSENCIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO

Unidades	Conceitos	Objetos de conhecimento
1	• Cultura • Poder • Calendário • Tempo da natureza • Calendário cristão • Estado • Nomadismo/sedentarismo • Caçadores e coletores • Agricultores e pastores • Aldeia neolítica • Divisão do trabalho • Comércio • Poder centralizado/Estado • Imposto • Cidade • Religião • Mito	• O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados. • As formas de organização social e política: a noção de Estado. • O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos. • O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias.
2	• Cidadania • Diversidade cultural • Pluralidade cultural • Etnocentrismo • Fandango Caiçara • Tambor de Crioula • Teatro de Bonecos Popular do Nordeste • Nazismo • Direitos humanos • Direitos da criança • Constituição Federal • Estatuto da Criança e do Adolescente • Estatuto do Idoso	• Cidadania. • Diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.
3	• Linguagens • Internetês • Pintura rupestre • Linguagem escrita • Pictograma • Ideograma • Alfabeto • Teatro • Comédia e tragédia • Língua Brasileira de Sinais • Paz • Desmatamento • Poluição • Maquiagem infantil • Pessoa com deficiência	• Diferentes tipos de linguagem na comunicação. • Poluição do ar e consequências para as pessoas. • Prática de ações éticas e justas no dia a dia. • Argumentação e debate sobre questões atuais: maquiagem infantil, educação domiciliar, <i>bullying</i>, inclusão escolar.
4	• Patrimônio cultural (material, imaterial) • Patrimônio natural • Marco de memória • Patrimônio da Humanidade (material, imaterial e natural) • Herói • Cidade • Abolição • Manifestação cultural • Paz • Tombamento • Educação Patrimonial	• As tradições orais e a valorização da memória. • Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

	Habilidades	Competências	Componentes essenciais para a alfabetização
	EF05HI01 EF05HI02 EF05HI03 EF05HI08	2 (específica) 1, 4 (gerais)	• Consciência fonológica e fonêmica • Conhecimento alfabético • Fluência em leitura oral • Desenvolvimento de vocabulário • Compreensão de textos • Produção de escrita
	EF05HI04 EF05HI05	1, 4 (específicas) 9 (geral)	• Consciência fonológica e fonêmica • Conhecimento alfabético • Fluência em leitura oral • Compreensão de textos • Produção de escrita
	EF04HI06 EF04HI09	4 (específica) 9, 10 (gerais)	• Consciência fonológica e fonêmica • Conhecimento alfabético • Fluência em leitura oral • Desenvolvimento de vocabulário • Compreensão de textos • Produção de escrita
	EF05HI07 EF05HI10	1 (específica) 1 e 3 (gerais)	• Fluência em leitura oral • Desenvolvimento de vocabulário • Compreensão de textos • Produção de escrita

► 11.2. SUBSÍDIOS PARA PLANEJAMENTO BIMESTRAL

UNIDADE 1 • CULTURA, TEMPO E CALENDÁRIO

- Trabalhar o conceito de cultura.
- Retomar o conceito de tempo e suas dimensões.
- Conhecer os processos de passagem do nomadismo ao sedentarismo.
- Apresentar diferentes tipos de calendários usados pelos povos.
- Consolidar o significado de sedentarismo.
- Mostrar a importância da descoberta da agricultura e seus desdobramentos para a humanidade.
- Explicar a formação das primeiras cidades.
- Analisar o papel das culturas e das religiões nas identidades dos povos antigos, tendo como exemplo a Mesopotâmia e o Egito.
- Estimular o respeito à diversidade cultural e à prática da cidadania.

Avaliação diagnóstica:
O que sabemos?

Cultura, tempo e
calendário

O “tempo do relógio”
e outros tempos

O tempo da natureza

Calendário pataxó

Instrumentos de
medição do tempo

Outras culturas, outros
calendários

Como saber em que
século estamos?

Os primeiros
povoadores da terra

Os caçadores e
coletores

O começo da
agricultura

Os agricultores e
pastores

Da aldeia à cidade

O estado, outra forma
de ordenação social

Povos antigos: religião
e cultura

Os mesopotâmicos

Os egípcios: religião e
cultura

Avaliação formativa:
Retomando

6 e 7

8 e 9

10

11

12 e 13

14 e 15

16 e 17

18 a 23

24

25

26 e 27

28 e 29

30 a 32

33 a 38

39

39 a 43

44 a 49

50 e 51

1

1

2

2

2

3

3

4 e 5

5

5

5

6

6

7

8

8

9 e 10

10

UNIDADE 2 • CIDADANIA: PASSADO E PRESENTE

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
• Trabalhar a noção de cidadania. • Estimular o respeito à diversidade e à pluralidade. • Relacionar a noção de cidadania à conquista de direitos dos povos. • Reconhecer os direitos enquanto conquista histórica. • Trabalhar o bloco conceitual diferenças e semelhanças.	Cidadania: passado e presente	52 e 53	11
	O respeito à diversidade e à pluralidade	54 e 55	11
	O fandango caiçara	56 e 57	12
	Tambor de crioula	58 e 59	12
	Teatro de bonecos popular	60 e 61	13
	O etnocentrismo	62 a 65	13 e 14
	Cidadania: conquistas dos povos	66	14
	A Segunda Guerra e suas consequências	67	14
	Crimes contra a humanidade	68	15
	A busca pela paz mundial	69	15
	A Declaração Universal dos Direitos Humanos	70 e 71	15
	Declaração dos Direitos da Criança	72 a 77	16
	Cidadania: conquistas do povo brasileiro	78 e 79	16 e 17
	A Constituição Federal de 1988	80 e 81	18
	Estatuto da Criança e do Adolescente	82 a 84	18
	Estatuto do Idoso	86 a 89	19 e 20
	Avaliação formativa: Retomando	90 e 91	20

UNIDADE 3 • LINGUAGES E DEBATES

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
• Comparar as diferentes linguagens e seus usos no processo de comunicação. • Valorizar o uso e o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais. • Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação. • Avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a essas linguagens e tecnologias. • Discernir e debater diferentes pontos de vista sobre temas do nosso dia a dia. • Estimular os estudantes a usarem diferentes fontes históricas para embasar esse debate.	Linguagens e debates	92 e 93	21
	O uso de diferentes linguagens na comunicação	94	21
	A linguagem do “internetês”	94	21
	A importância da internet na era do conhecimento	95	22
	A exclusão digital	96	22
	A linguagem da pintura	97	22
	A linguagem da escrita	98 e 99	23
	O alfabeto fenício	99 a 101	23 e 24
	A linguagem do teatro	102 e 103	24
	A língua brasileira de sinais: Libras	104 a 111	25 e 26
	Debates do nosso tempo	112 e 113	27
	O uso do “internetês”	114 e 115	27
	O uso de maquiagem infantil	116 e 117	28
	Educação domiciliar: sim ou não?	118 e 119	28
	A prática do <i>bullying</i> na escola	120	29
	Quem pratica o <i>bullying</i>	121 a 123	29
	Avaliação formativa: Retomando	124 a 127	30

UNIDADE 4 • PATRIMÔNIO E MARCOS DE MEMÓRIA

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
- Levantar patrimônios materiais e imateriais da humanidade. - Analisar mudanças e permanências nesses patrimônios no tempo. - Trabalhar os conceitos de patrimônio material, imaterial e natural. - Apresentar alguns exemplos de patrimônios culturais brasileiros. - Diferenciar patrimônio material de patrimônio imaterial. - Caracterizar patrimônio natural. - Trabalhar o conceito de marco de memória. - Analisar a presença ou ausência de diferentes grupos na nomeação desses marcos de memória. - Analisar a transformação do 21 de Abril em um marco de memória.	Patrimônio e marcos de memória	128 e 129	31
	Patrimônios da Humanidade	130	31
	A Grande Muralha – China	130 e 131	31
	Estátua da Liberdade – Estados Unidos	132 e 133	32
	Patrimônios Materiais da Humanidade no Brasil	134	32
	Conjunto Moderno da Pampulha	134	32
	Centro Histórico da Cidade de Goiás	135	33
	São Miguel das Missões	136 e 137	33
	Patrimônios Imateriais da Humanidade no Brasil	138	34
	Samba de Roda do Recôncavo Baiano	138 e 139	34
	Frevo	140	34
	Roda de capoeira	141	35
	Patrimônio Natural da Humanidade no Brasil	142	35
	Quem cuida do nosso patrimônio?	143	35
	O IPHAN em Santa Catarina	143 a 146	35 e 36
	Marcos de memória	148	36
	Transformação de Tiradentes em herói nacional	150	37
	A transformação do 21 de Abril em um marco de memória	151	37
	A transformação do 5 de Junho em um marco de memória	152	37
	A transformação do 20 de Novembro em um marco de memória	153	38
	Dia Internacional da Paz – 21 de setembro	154 e 155	38
	Avaliação somativa: O que aprendemos	156 a 159	39 e 40

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

A AVALIAÇÃO deve orientar a aprendizagem. **Nova Escola**, 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/356/a-avaliacao-deve-orientar-a-aprendizagem>. Acesso em: 4 ago. 2021.

Esse artigo de rápida leitura possibilita a reflexão sobre a prática da avaliação escolar. Por meio de depoimentos de especialistas no tema, como Cipriano Luckesi, Léa Depresbiteris e Mere Abramowicz o artigo oferece críticas a modelos arcaicos de avaliação e indicações de práticas avaliativas que preconizam o protagonismo dos estudantes e privilegiem o processo pedagógico em detrimento da mera classificação.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2012.

A historiadora, pesquisadora do ensino de História e docente da disciplina no Ensino Básico e Superior, elabora reflexões sobre métodos e conteúdos da História escolar. O livro se divide em três seções, dedicadas a pensar a história da constituição dessa disciplina escolar, métodos e materiais didáticos.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

Dividido em duas partes, o livro organizado por Circe Bittencourt reúne artigos de pesquisadores e pesquisadoras do ensino de História. Nesses textos são desenvolvidas reflexões sobre o currículo escolar dessa disciplina e a respeito do emprego de diferentes linguagens como recursos didáticos.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

O renomado historiador da escola dos *Annales* sistematiza sobre o fazer histórico, abordando questões que tocam na epistemologia da História, nos limites disciplinares dessa ciência e em diálogos com outras disciplinas das ciências humanas. Marc Bloch delinea, desse modo, uma concepção ampla e profunda sobre a natureza da História enquanto ciência.

BRASIL. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências (Lei nº 13.005)**. Brasília, DF, 2014.

Lei que estabelece diretrizes e metas do Plano Nacional de Educação.

BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituiacaocompilado.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Texto compilado da **Constituição da República Federativa do Brasil** aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa – Avaliação no ciclo de alfabetização: reflexões e sugestões**. Brasília, DF: SEB, 2012.

Documento com reflexões e sugestões em relação ao processo de alfabetização.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento que orienta a composição curricular do Ensino Básico no Brasil. Estruturadas por meio de competências e habilidades, a BNCC apresenta as aprendizagens essenciais previstas para a educação escolar nacional básica, contemplando tanto o ensino de modo geral quanto as suas etapas específicas.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Texto da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, DF: Sealf, 2019. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderno_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

Documento que estabelece os princípios da Política Nacional de Alfabetização no Brasil.

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais**. Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

Documento elaborado pelo Ministério da Educação visa oferecer orientações para que os profissionais da educação incorporem práticas de avaliação que considerem as especificidades de cada estudante e sejam parte integrante do processo pedagógico.

CAMPOS, Helena Guimarães. **História e formação para a cidadania: nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

Nesse livro a autora trabalha o conceito de cidadania como categoria central para a formação dos estudantes, apresentando o desenvolvimento histórico dos direitos e deveres que compõem a cidadania infantil.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999.

Nesse livro, César Coll formula uma proposta de currículo tendo como base a interação entre Pedagogia e Psicologia.

COSTA, Adriana Corrêa. **Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita.** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 137-153, jun. 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14095/9351>. Acesso em: 3 ago. 2021.

O artigo da pesquisadora da área de Linguística busca relacionar a consciência fonológica ao desenvolvimento da escrita. A pesquisa empírica que deu origem ao artigo estabelece uma correlação entre a maior consciência fonológica e o maior sucesso na aprendizagem da escrita entre crianças do Jardim.

D’ALESSIO, Márcia Mansor *et al.* (org.). **Reflexões sobre o saber histórico.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. (Prismas).

Nesse livro, os entrevistados Pierre Villar, Michel Vovelle e Madeleine Rebérioux avaliam a contribuição da Escola dos Annales e a atualidade da historiografia marxista.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2021.

O documento lançado pelo Ministério da Educação reúne cinco textos nos quais pesquisadores da área da Educação refletem sobre as relações entre currículo escolar e diversidade, cultura, direitos e avaliação. Cada um com enfoque temático próprio, como a organização curricular pode estar a par das mudanças nas formas de vida ocorridas no século XXI.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História: anos iniciais do Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: Dimensão, 2015.

Nesse livro, a autora se vale de sua experiência como docente no Ensino Básico para pensar na metodologia do ensino de História e sugerir propostas pedagógicas inovadoras para o trabalho com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

FREITAS, Itamar. **A experiência indígena no ensino de História.** In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **História: ensino fundamental.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o ensino).

O autor analisa nessa obra por que é importante conhecer e discutir história e cultura indígena na formação escolar e por que o respeito à diferença deve ser incorporado como um valor.

FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade clássica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

O professor Pedro Funari escreveu um livro com linguagem acessível e uma coleção de documentos de grande importância para o estudo da História Antiga. Além do cuidado com as fontes e com os textos, o livro traz uma série de atividades para a fixação das aprendizagens.

HIPOLIDE, Márcia. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

Esse livro disponibiliza ferramentas para o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além de reunir metodologias próprias para a discussão de conceitos da História, o livro apresenta propostas de atividade para aplicação em sala de aula.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

Nesse livro, Jussara Hoffmann busca elaborar uma perspectiva sobre avaliação que se afaste dos modelos classificatórios comumente empregados. A autora constrói uma proposta de avaliação menos interessada em criar rótulos de desempenho e mais integrada aos processos cognitivos dos estudantes.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

Nesse livro, a autora trabalha com exemplos retirados de contextos de sala de aula para desafiar a concepção classificatória da avaliação e defender a pertinência e eficácia da avaliação mediadora. Jussara Hoffmann procura suscitar reflexões que levem o leitor a repensar as práticas avaliativas de modo a buscar integrá-las ao processo de construção do conhecimento.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nesse livro, Lynn Hunt constrói uma história dos direitos humanos, por meio da análise da Declaração de Independência dos Estados Unidos, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A historiadora estadunidense reflete sobre avanços e antinomias presentes nos processos históricos analisados.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.** Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasa_bermais_web.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

Publicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, esse documento possui o objetivo de apresentar instrumentos e diretrizes dedicadas à identificação e preservação do patrimônio cultural imaterial. Desse modo, a publicação joga luz sobre a natureza desse tipo de patrimônio e ressalta a importância de preservá-lo.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

Organizado por Leandro Karnal, o livro se propõe a apresentar reflexões orientadas para subsidiar as práticas de ensino em sala de aula. Reunindo produções textuais de quatorze especialistas no ensino de História, o livro apresenta propostas de abordagem de diferentes temas no interior dessa disciplina.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Nessa obra, que reproduz parte fundamental de *La nouvelle histoire*, publicada em 1978, sob a direção de Jacques Le Goff, o autor apresenta a História Nova como uma maneira diferente de olhar a história, oferecendo variadas ferramentas para o trabalho do historiador.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Edusp, 1993.

Com base na análise de álbuns de família de imigrantes vindos para São Paulo durante a Grande Imigração, entre 1890 e 1930, a autora desenvolve uma pesquisa crítica da fotografia histórica, transformando os registros fotográficos em testemunhos.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2011.

Esse livro reúne nove artigos escritos por Cipriano Luckesi nos quais o educador elabora críticas a formas de avaliação baseadas em modelos autoritários, classificatórios e seletivos. Luckesi, em contrapartida, argumenta em favor de uma forma de ensino que incorpore a avaliação ao processo pedagógico, de modo que este seja inclusivo e acolhedor.

MADRIL, Liliana Fraga dos Santos. **Consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e letramento: sequências didáticas na alfabetização**. In: X ANPED SUL. **Anais [...]**, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1296-0.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

O artigo analisa dados de uma pesquisa aplicada com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental. Nessa pesquisa, buscou-se verificar o efeito de sequências didáticas com atividades e brincadeiras sobre a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem da linguagem escrita.

NEMI, Ana; MARTINS, João Carlos; ESCANHUELA, Diego Luiz. **Ensino de História e experiências**. São Paulo: FTD, 2010.

Voltado para uma perspectiva prática, esse livro apresenta uma série de propostas de atividades calçadas em uma visão atualizada da História. A variedade de propostas apresentadas permitem sua aplicação em diferentes realidades escolares.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

A obra busca explicar a importância da produção de conhecimento na educação contemporânea no intuito de proporcionar uma efetiva transformação social.

ORÍÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História**. In: BITENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o Ensino).

O texto de Ricardo Oriá se coloca como objetivo a discutir a utilização de bens culturais do patrimônio histórico no ensino de História, de modo que despertem a atenção dos estudantes para a importância da preservação da memória coletiva.

PENTEADO, Heloísa Dumas. **Metodologia do ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994.

Neste livro, a autora apresenta um panorama do ensino das ciências humanas no Ensino Básico, reflete sobre metodologia, relações professor-estudante e oferece sugestões de práticas para a sala de aula.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010.

Reunindo contribuições de intelectuais renomados, como Paul Singer, Letícia Bicalho e Leandro Konder, o livro apresenta uma análise da cidadania estabelecida na sociedade ocidental desde os seus fundamentos históricos, até a forma como o processo se deu no Brasil.

RIBEIRO, Marcus Venício. **Não basta ensinar História. Revista Nossa História**, ano 1, n. 6, p. 76-78, abr. 2004.

Nesse artigo, o autor defende a ideia de que, para uma boa formação escolar, além de aprender História, os alunos precisam entender o que leem e saber pensar e escrever.

SEFFNER, Fernando. **Leitura e escrita na História**. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

O autor analisa nesse texto a importância das práticas de leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem de História.

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, ago. 2016, p. 249-250. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Resenha da obra de Maurice Halbwachs, **A memória coletiva**, esse texto procura contextualizar histórica e teoricamente a contribuição de Halbwachs para a ciência histórica, não obstante o fato de o autor ter sido um sociólogo.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. **Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções**. Curitiba: Base Editorial, 2010.

Produto do acúmulo teórico e prático resultante de reflexões e do ensino de História na Educação Básica, o livro discute a utilização de textos, canções e histórias em quadrinhos em sala de aula.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Isabel Solé parte de uma perspectiva teórica construtivista para apresentar estratégias para o ensino de leitura que promovam a autonomia dos estudantes no processo de compreensão e interpretação dos textos.

THOMAS, Gary; PRING, Richard. **Educação baseada em evidências: a utilização dos achados científicos para a qualificação da prática pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

No livro, os organizadores reuniram argumentos de diversos autores. Neles são apresentados diferentes pontos de vistas e experiências bem-sucedidas em sala de aula.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Nesse livro, Vygotsky apresenta um pensamento original e inovador sobre o processo de desenvolvimento psicológico em seres humanos. Em um amplo diálogo teórico com áreas como Antropologia, História e Linguística e apoiado sobre extenso material empírico, o psicólogo soviético cria conceitos e perspectivas fundamentais para a compreensão dos processos de construção do pensamento.

A CONQUISTA

HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Componente: História



Alfredo Boulos Júnior

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou nas redes pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

É autor de coleções paradidáticas.

Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

1ª edição, São Paulo, 2021

FTD



A Conquista – História – 5º ano (Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2021

Direção-geral Ricardo Tavares de Oliveira
Direção editorial adjunta Luiz Tonolli
Gerência editorial Natalia Tacetti
Edição João Carlos Ribeiro Junior (coord.)
 Luis Gustavo Reis, Raphael Fernandes, Carolina Bussolaro Marciano,
 André Amano, Vivian Ayres, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Bárbara Berges,
 Rosane Cristina Thahira, Renata Paiva Cesar, Siomara Sodré Spinola
Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)
 Fernando Cardoso, Paulo José Andrade
Gerência de produção e arte Ricardo Borges
Design Daniela Máximo (coord.)
 Bruno Attili, Carolina Ferreira, Juliana Carvalho (capa)
Imagem de capa Bruna Ishihara
Arte e Produção Vinicius Fernandes (sup.)
 Sidnei Moura, Jacqueline Nataly Ortolan (assist.), Marcelo dos Santos Saccomann (assist.)
Diagramação Nany Produções Gráficas
Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga
Licenciamento de textos Érica Brambila, Bárbara Clara (assist.)
Iconografia Jonathan Santos, Ana Isabela Pithan Maraschin (trat. imagens)
Ilustrações Camila de Godoy, Claudia Mariano, Getúlio Delphim, Leandro Ramos, Leo
 Fanelli/Giz de Cera, Leonardo Conceição, Lucas Farauj, Mozart Couto, Osnei, Rmatias
 Allmaps (cartografia)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boulos Júnior, Alfredo
 A conquista : história : 5º ano : ensino
 fundamental : anos iniciais / Alfredo Boulos
 Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: História.
 ISBN 978-65-5742-503-9 (aluno – impresso)
 ISBN 978-65-5742-504-6 (professor – impresso)
 ISBN 978-65-5742-513-8 (aluno – digital em html)
 ISBN 978-65-5742-514-5 (professor – digital em html)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

21-72392 CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89
 Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610
 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.
 Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
 CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
 Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
 www.ftd.com.br
 central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas
 deste livro foram produzidas com fibras
 obtidas de árvores de florestas plantadas,
 com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
 CNPJ 61.186.490/0016-33
 Avenida Antonio Bardella, 300
 Guarulhos-SP – CEP 07220-020
 Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

APRESENTAÇÃO

Querida professora, professor querido, queridos alunos,

Ler e escrever é, a nosso ver, compromisso de todas as áreas, e não somente da Língua Portuguesa. É, portanto, também um compromisso da área de História. E esse compromisso nós assumimos estimulando a leitura e a escrita ao longo desta coleção!

Nossa coleção nasceu de muitas conversas que tivemos com educadores que entregaram sua vida ao sonho de ver uma criança descobrindo a escrita. Nasceu, também, do que aprendi com meus alunos, crianças e jovens de diferentes lugares e origens.

Aos meus alunos busquei mostrar a importância do exercício constante da leitura e da escrita, da educação do olhar e da construção de conceitos. E procurei também alertar para a importância de compreender sem julgar, pois à História não cabe julgar, mas sim compreender!

Por fim, quero agradecer aos editores que guiaram meus passos e aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em cujos olhos eu vi um olhar amoroso voltado à criança.

O autor.

Veja o que significam os ícones que aparecem no seu livro:

 Atividade oral

 Atividade para casa

 Atividade em dupla

 Atividade no caderno

 Atividade em grupo

SEÇÕES DA OBRA

O QUE SABEMOS?

As atividades destas páginas visam contribuir para a avaliação diagnóstica.

ABERTURA DE UNIDADE

O volume é organizado em quatro unidades. Nas aberturas de cada uma, são apresentados os temas estruturais abordados. Nelas há questões que também permitem observar os conhecimentos prévios dos estudantes.

ESCUTAR E FALAR

Seção que busca incentivar a expressão oral e a competência argumentativa dos estudantes, bem como trabalhar a escuta como elemento básico do diálogo.

VOCÊ LEITOR!

Nesta seção, destacamos a competência leitora com diferentes gêneros textuais.

VOCÊ ESCRITOR!

A leitura e a escrita são competências de todas as áreas. Nesta seção, há um convite para que os estudantes desenvolvam sua competência escritora.

VOCÊ CIDADÃO!

Atividades que incentivam os estudantes a conhecerem e melhorarem seu entorno, a comunidade, a cidade e o país.



ROGÉRIO REIS/PULSAR IMAGENS

SUMÁRIO

O QUE SABEMOS?

UNIDADE 1 • CULTURA, TEMPO E CALENDÁRIO

1	O “TEMPO DO RELÓGIO” E OUTROS TEMPOS	10
	O tempo da natureza	11
	Calendário pataxó	12
	Instrumentos de medição do tempo	14
	Outras culturas, outros calendários	16
	O calendário cristão	17
	Como saber em que século estamos?	18
	Tempo africano	20
2	OS PRIMEIROS POVOADORES DA TERRA	24
	Os caçadores e coletores	25
	O começo da agricultura	26
	Os agricultores e pastores	28
	Da aldeia à cidade	30
	O Estado, outra forma de ordenação social	33
	A formação da cidade	35
	A escrita	36
3	POVOS ANTIGOS: RELIGIÃO E CULTURA	39
	Os mesopotâmicos	39
	Os deuses mudam de humor	40
	Templos, orações e oferendas	41
	Os egípcios: religião e cultura	44
	Pirâmides, túmulos e faraós	45

DIALOGANDO COM MATEMÁTICA

UNIDADE 2 • CIDADANIA: PASSADO E PRESENTE

1	O RESPEITO À DIVERSIDADE E À PLURALIDADE	54
	O fandango caiçara	56
	Tambor de crioula	58
	Teatro de bonecos popular	60
	O etnocentrismo	62
2	CIDADANIA: CONQUISTAS DOS POVOS	66
	A Segunda Guerra e suas consequências	67
	Crimes contra a humanidade	68
	A busca pela paz mundial	69
	A Declaração Universal dos Direitos Humanos	70
	Declaração dos Direitos da Criança	72

BRUNO DROB/ISTOCK/SHUTTERSTOCK.COM/2017



3	CIDADANIA: CONQUISTAS DO POVO BRASILEIRO	78
	Diretas Já	78
	A Constituição Federal de 1988	80
	Estatuto da Criança e do Adolescente	82
	Estatuto do Idoso	86
	RETOMANDO	90
	UNIDADE 3 • LINGUAGENS E DEBATES	92
1	O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS NA COMUNICAÇÃO	94
	A linguagem do “internetês”	94
	A linguagem da pintura	97
	A linguagem da escrita	98
	A linguagem do teatro	102
	A língua brasileira de sinais: Libras	104
2	DEBATES DO NOSSO TEMPO	112
	O uso do “internetês”	114
	O uso de maquiagem infantil	116
	Educação domiciliar: sim ou não?	118
	A prática do <i>bullying</i> na escola	120
	DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA	122
	RETOMANDO	124
	UNIDADE 4 • PATRIMÔNIO E MARCOS DE MEMÓRIA	128
1	PATRIMÔNIOS DA HUMANIDADE	130
	A Grande Muralha – China	130
	Estátua da Liberdade – Estados Unidos	132
	Patrimônios Materiais da Humanidade no Brasil	134
	Conjunto Moderno da Pampulha	134
	Centro Histórico da Cidade de Goiás	135
	São Miguel das Missões	136
	Patrimônios Imateriais da Humanidade no Brasil	138
	Samba de Roda do Recôncavo	138
	Frevo	140
	Roda de Capoeira	141
	Patrimônio Natural da Humanidade no Brasil	142
	O Pantanal	142
	Quem cuida do nosso patrimônio?	143
	O Iphan em Santa Catarina	143
2	MARCOS DA MEMÓRIA	148
	Transformação de Tiradentes em herói nacional	150
	A transformação do 21 de abril em marco de memória	151
	A transformação do 5 de junho em marco de memória	152
	A transformação do 20 de novembro em um marco de memória	153
	Dia Internacional da Paz – 21 de setembro	154
	O QUE APRENDEMOS	156
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS	159

► GLOSSÁRIO

Verbetes para facilitar a leitura de textos com palavras que podem gerar dúvidas.

► DIALOGANDO

Esta seção incentiva o estudante a refletir e argumentar sobre um tópico relevante e pertinente ao tema estudado.

► DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA

Atividades que trabalham a interdisciplinaridade com Língua Portuguesa. Em alguns volumes da coleção, há também atividades com as disciplinas de Ciências e Matemática.

► RETOMANDO

A seção oferece atividades para revisão dos temas da unidade. Elas dão subsídios para a avaliação formativa e para o monitoramento da aprendizagem.

► O QUE APRENDEMOS

Ao final do ano letivo, essas atividades encerram o livro e oferecem subsídios para a avaliação somativa.

O QUE SABEMOS

► RESPOSTAS

1. A história é feita por todos nós; pessoas comuns, como eu, você, sua professora, a diretora, o guarda... E também por grupos – mulheres, idosos, militares operários, empresários, artistas, políticos, entre outros. Todas essas pessoas e grupos fazem história, ou seja, são todos sujeitos históricos.

2. Os caçadores e coletores eram nômades, isto é, se mudavam de um lugar para o outro em busca de alimento. Já os agricultores e pastores passaram a produzir seu próprio alimento e não precisavam mais mudar constantemente de lugar e assim foram se sedentarizando.

3. Alternativa b.

4. Porque foi na África onde se descobriu o mais antigo esqueleto humano, o *Australopithecus*.

5. O Rio Nilo contribuiu para o processo de sedentarização, pois os grupos humanos se fixavam próximos às margens para praticar a agricultura e o pastoreio.

6. Ele servia de via de transporte de pessoas e mercadorias sendo, portanto, muito importante para a dinâmica da vida comercial dos antigos egípcios.

a) O acesso à internet permite às pessoas fazer pesquisa sobre diversos assuntos e obter informações qualificadas (de universidades, governos, fundações, entre outros), onde podemos encontrar referências, dados e análises que nos ajudam, de fato, na tomada de decisões.

b) Os excluídos digitais, em grande número nos grupos sociais menos favorecidos, têm dificuldade de se desenvolver profissionalmente e de conseguir melhorar de vida.

O QUE SABEMOS?

- 1 Quem faz a História?
- 2 Diferencie o modo de vida dos caçadores e coletores do modo de vida dos agricultores e pastores.
- 3 Copie as afirmações verdadeiras no caderno.
 - a) A sedentarização é um fato ocorrido em 10 000 a.C.
 - b) A sedentarização é um processo histórico que durou centenas de anos, e até hoje há grupos nômades ao redor da terra.
 - c) Atualmente já não há grupos nômades em nenhuma parte da terra.
- 4 Por que a África é considerada o berço da humanidade?
- 5 O Rio Nilo está localizado no continente africano e é um dos mais extensos do mundo.



▲ Imagem atual de transporte de pessoas pelo Nilo. 2020.

- a) Escreva uma frase relacionando o Rio Nilo ao processo de sedentarização ocorrido às suas margens?
- b) Qual é a importância desse rio para o comércio no Egito Antigo?

- 6 Hoje em dia, conseguir informações qualificadas é muito importante na hora de tomar uma decisão. A internet é uma rede de informações que nos abre essa possibilidade. Reflita e responda.
 - a) Quais vantagens têm as pessoas que conseguem acessar a internet e as tecnologias de informação e comunicação?
 - b) Quais desvantagens têm as pessoas que não têm acesso à internet e às tecnologias de informação e comunicação?

7 Leia o texto a seguir com atenção.

As cidades são vivas e estão em constantes mutações. As mudanças não são percebidas diariamente, pois nos acostumamos, muitas vezes, com nossos caminhos e com a paisagem, mas quando passamos algum tempo sem visitar uma determinada região ou cidade podemos perceber o efeito do tempo: novas construções, comércios, edifícios, indústrias, ruas e avenidas.

Flavio Amary. Transformações das cidades. **Cruzeiro do Sul**, 14 jun. 2016. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/729917/transformacoes-das-cidades>. Acesso em 16/07/2021. Acesso em: 17 jul. 2021.

- Você concorda que as cidades mudam constantemente? Se sim, dê um exemplo de mudança na cidade de seu município.

8 A lista a seguir apresenta palavras da língua tupi e seus respectivos significados em português. Leia-as com atenção.

Abá: homem.	Mirim: pequeno.
Cucuia: tombo, queda, tropeção.	Nhenhêhêm: falar muito.
Cunhã: mulher.	Oca: casa.
Curumim: criança.	Pacova: banana.
Ereuipe: olá.	Peteca: bater de mão aberta.
Guaçu: grande.	[...]
Jururu: estou triste.	Xori: fora daqui!

José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. **Nuno descobre o Brasil**. São Paulo: Objetiva, 2010. p. 104.

- a)** Algumas dessas palavras são usadas no português falado no Brasil hoje? Se sim, quais delas?
- b)** Essas palavras indígenas podem ser consideradas uma contribuição desses povos à formação da sociedade brasileira?

9 Conceitue.

- a)** Migrante
- b)** Imigrante
- c)** Emigrante

10 No século XIX e nas três primeiras décadas do século XX, o Brasil recebeu milhões de imigrantes. Por que isso aconteceu?

11 Produza um cartaz com as contribuições dos povos que formaram a sociedade brasileira, com destaque para os indígenas, os africanos e os europeus (portugueses, italianos, alemães, poloneses, entre outros). O tema do cartaz pode ser "Brasil: país de muitas culturas".

► RESPOSTAS

7. Sim, como exemplo o aluno poderá citar construção de avenidas, edifícios, estabelecimentos comerciais, indústrias, casa de espetáculos, entre outros.

8. a) Sim. Curumim, jururu, mirim, nhenhêhêm, peteca.

b) Sim, as palavras indígenas presentes no português que falamos são uma das várias contribuições dos povos indígenas à formação do povo brasileiro.

9. a) Migrante: É o que está em processo de deslocamento.

b) Imigrante: É o que chega de outro país.

c) Emigrante: É o que sai de um país para o outro.

10. Guerras; falta de terra para plantar; necessidade de trabalhadores nos cafezais brasileiros; e a força da propaganda.

11. Produção pessoal.

Professor, a **atividade 8a** chama a atenção para o fato de que essas palavras são usadas com o mesmo significado que têm no tupi-guarani. A **atividade 11** quer contribuir para o desenvolvimento da habilidade (EF04HI10).

INTRODUÇÃO À UNIDADE

Iniciamos o trabalho com a formação das culturas e dos povos, relacionando-os ao espaço ocupado, pretendendo desenvolver a habilidade (EF05HI01), e fornecendo subsídios para os estudantes se apropriarem do significado de cultura e religião que queremos que eles conheçam. Ao mesmo tempo, tornamos perceptível para eles que não há uma cultura superior ou inferior à outra; há diferentes culturas.

Na sequência, aprofundamos o conceito de tempo. E o fizemos começando pela noção de tempo psicológico para, em seguida, trabalhar a ideia de tempo cronológico. Daí, convidamos os estudantes a conhecer outras formas de perceber e marcar a passagem do tempo, como os Pataxó, que organizam sua vida em base no tempo da natureza, ou, nos acontecimentos naturais como o dia e a noite, as estações do ano, entre outros.

A seguir, apresentamos diferentes calendários, cada qual associado a uma cultura, e estimulamos o diálogo para compará-los, de modo a reforçar a percepção de que o calendário é uma construção cultural. Ao mesmo tempo, queremos que os estudantes se familiarizem com o modo de contar e dividir o tempo mais usado no Brasil.

No passo seguinte, investimos esforços na didatização da noção de tempo africano, o tempo do acontecimento vivido. Na visão africana, o tempo é constituído pelos eventos que já ocorreram e os que estão ocorrendo agora. O que ainda não aconteceu está na categoria do “não tempo”. Acrescente-se a isto a noção de que, na tradição africana, o passado vive no presente e os mais velhos são vistos como donos de saberes dignos de serem conhecidos e compartilhados. Por isso, suas vozes e conselhos continuam ecoando entre os mais novos.

Conhecer diferentes concepções de tempo – tempo cronológico, tempo da natureza, tempo africano – pode ajudar a pensar a vida dos primeiros grupos humanos e

UNIDADE

1

CULTURA, TEMPO E CALENDÁRIO

Cada povo tem uma cultura, isto é, um modo próprio de viver, pensar, tocar, cantar, fazer festas e dançar. Os trajes, os passos, os movimentos presentes nas danças tradicionais de cada povo são fontes imateriais que nos ajudam a conhecê-lo. Observe as imagens.

GREG VAUGHN/VWPICS/UG/GETTY IMAGES



▲ Dança do povo quéchua. El Parador de Moray, Vale Sagrado, Peru, 2015.

JACK Q/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Dança flamenca. Balé Teatro Espanhol Rafael Aguilar. Chengdu, China, 2008.

8

seus modos próprios de viver e interagir com o ambiente. Depois, relativizamos o conceito de “Pré-História”, buscamos facilitar aos estudantes a compreensão dos modos de vida dos caçadores e coletores e dos agricultores e pastores, do advento da agricultura e seus desdobramentos, incluindo-se nesse universo a aceleração do processo de sedentarização, o aumento da população e da divisão do trabalho. Esse trabalho inicial quer contribuir para o desenvolvimento da habilidade (EF05HI01).

Na sequência, procuramos apresentar a passagem da aldeia para o clã e deste para a tribo por meio de um organograma que sintetiza essa forma de ordenação social. E, nas páginas seguintes, apresentamos outra forma de ordenação social: o processo de organização do poder em torno de um rei, que governava a partir do palácio, de onde foi impondo sua autoridade e ganhando poder. Com esse percurso, quisemos auxiliar os estudantes a desenvolver a habilidade (EF05HI02).

As culturas são diferentes entre si; apenas isso. Cada cultura tem seu valor e **não há cultura superior a outra**. De acordo com os estudiosos do assunto, nenhum povo pode ser chamado de “selvagem” ou “primitivo” porque se veste, se enfeita, se alimenta ou pensa diferente de outro.

Dança nigeriana. Ijebu Ode, Ogun, Nigéria, 2018.



▲ Dança italiana. Comuna de Russi, Ravena, Itália, 2014.

Respostas pessoais.

1. Você gosta de dançar?
2. Em qual dessas fotografias você gostaria de estar?
3. Agora, responda sem ler as legendas: a que país pertence cada uma dessas danças?
4. Localize a Itália e a Nigéria em um planisfério. Os povos desses dois países contribuíram com suas culturas para a formação do povo brasileiro? Consegue citar algumas dessas contribuições?

Para analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos, recorreremos aos antigos egípcios e aos mesopotâmicos, e fomos trabalhando aspectos da cultura e da religião de cada um desses povos, de forma a evidenciar que esses elementos são constitutivos de suas identidades, daí sua importância para a História.

A crença na vida após a morte e o desenvolvimento da técnica da mumificação pelos egípcios, por exemplo, são elementos da identidade egípcia. E, por

considerarmos identidade um conceito relacional, propusemos a comparação entre egípcios e mesopotâmicos no tocante à vida após a morte e à mumificação. Esperamos com isto contribuir para o desenvolvimento da habilidade (EF05HI03).

Os pré-requisitos para a realização plena das atividades e o atingimento dos objetivos pedagógicos são:

- As habilidades e conceitos trabalhados e avaliados nos anos anteriores.
- O engajamento dos estudantes no

processo de leitura, interpretação e produção escrita iniciado no 1º ano.

OBJETIVOS

- **Trabalhar** o conceito de cultura.
- **Retomar** o conceito de tempo e suas dimensões.
- **Conhecer** os processos de passagem do nomadismo ao sedentarismo.
- **Apresentar** diferentes tipos de calendários usados pelos povos.
- **Consolidar** o significado de sedentarismo.
- **Mostrar** a importância da descoberta da agricultura e seus desdobramentos para a humanidade.
- **Explicar** a formação das primeiras cidades.
- **Analisar** o papel das culturas e das religiões nas identidades dos povos antigos, tendo como exemplo a Mesopotâmia e o Egito.
- **Estimular** o respeito à diversidade cultural e à prática da cidadania.

► ENCAMINHAMENTO

Pode-se promover o interesse dos estudantes pelo tema desta unidade pedindo para observarem esta dupla de páginas e perguntar:

- Repararam que cada povo dança de um modo e com um vestuário próprio?
- É certo dizer que cada povo se expressou e está trajado de acordo com sua cultura?
- Vocês sabem o significado da palavra “cultura”?
- Levanta a mão quem acha que cultura é sinônimo de conhecimento!

Em seguida, sugere-se:

- Pedir aos estudantes que procurem o significado da palavra “cultura” no dicionário.
- Retomar e aprofundar a ideia de que existe a cultura material e a imaterial (o modo de dançar, de fazer uma comida, uma festa).

ROTEIRO DE AULA

Para iniciar o trabalho com esse tema, sugerimos perguntar aos alunos:

- Como você faz para se lembrar dos horários das suas atividades?
- Já contou quantas vezes por dia você consulta o relógio?
- Você já notou que o tempo, às vezes, parece voar?
- Já percebeu que, outras vezes, o tempo demora a passar?

Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:

- Solicitar a leitura silenciosa do texto e, depois, em voz alta. Na sequência, propor um momento de conversa para que os estudantes compartilhem suas compreensões sobre a leitura e relatem suas percepções da passagem do tempo.

Trabalhar o conceito de tempo cronológico.

Professor, na seção **Dialogando**, provavelmente os alunos dirão que consultam o relógio para não se atrasar para a escola; para saber se está chegando a hora do lanche; se está chegando a começar o programa favorito da televisão; para ver quanto falta para o início do jogo pelo celular com um amigo; entre outros.

SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

VIDEO. A GRANDE ideia – saiba como surgiu o relógio de pulso. 2012. Vídeo (1min13s). Publicado pelo canal SBT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8w8UIGQsLA>. Acesso em: 14 jul. 2021.

O vídeo aborda a criação do relógio de pulso.

1

O “TEMPO DO RELÓGIO” E OUTROS TEMPOS

Na nossa cultura, isto é, no nosso modo de viver e pensar, consultamos relógios várias vezes ao dia. Temos hora para tudo: hora de ir à escola, hora de comer, hora de estudar, hora de encontrar um amigo ou amiga, e assim por diante.

Os horários são tão importantes em nossas vidas que, muitas vezes, acordamos a uma determinada hora porque o despertador tocou, e não porque estamos sem sono.

Enfim, hoje somos comandados por relógios e horários. Esse tempo controlado por relógios e horários é chamado de **tempo cronológico**.

Mas nem todos os povos se guiam por relógios...

DIALOGANDO

No dia a dia, você costuma consultar o relógio em que situações?

Resposta pessoal.



DEAN DROBET/SHUTTERSTOCK.COM/2017

▲ A imagem sugere a importância do relógio em nossas vidas.

10

+ATIVIDADES

1. Perguntar aos estudantes: Qual o melhor momento do seu dia? Por quê?
2. Apresentar canções sobre o tempo e solicitar aos estudantes que as ilustrem com imagens (fotografias ou desenhos) e que cantem essas canções. Sugestões:

- CANTO do povo de um lugar. 2018. Vídeo (4min8s). Publicado pelo canal Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nrMGr1L2Fzw>. Acesso em: 14 jul. 2021.

- MARIA Gadú – “Oração ao Tempo” – Mais uma página. 2016. Vídeo (3min28s). Publicado pelo canal Maria Gadú. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3eVHpoCiOwo>. Acesso em: 14 jul. 2021.

A atividade com o uso das canções possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.

O TEMPO DA NATUREZA

Os primeiros grupos humanos organizavam sua vida com base na observação da natureza: a sucessão dos dias e das noites, das secas e das chuvas, do nascimento e da queda das folhas, e assim por diante. Por isso, dizemos que eles se guiavam pelo tempo da natureza.

Ainda hoje, há grupos humanos que organizam sua vida com base nos acontecimentos naturais.

Os indígenas pataxós, que vivem em Minas Gerais e na Bahia, são um exemplo de grupo humano da atualidade que organiza suas atividades com base nos acontecimentos naturais (como mês do frio, mês das águas), ou seja, guiam-se pelo tempo da natureza.

RENATO SOARES/PULSAR IMAGENS



▲ Pai e filho pataxós. Porto Seguro (BA), 2014.

11

► ENCAMINHAMENTO

Pode-se introduzir o assunto desta aula perguntando aos alunos:

- Como nós organizamos nossas vidas hoje?
- Sabiam que ainda há povos que organizam suas vidas com base na observação da natureza?

Em seguida, sugere-se:

- Trabalhar a noção de tempo da natureza.
- Explicar que os primeiros grupos humanos organizavam seu tempo por meio da observação da natureza e que, atualmente, alguns povos ainda mantêm essa prática.
- Evidenciar que o modo de medir e dividir o tempo varia de acordo com a cultura de cada povo.

SUGESTÃO PARA O ALUNO

VÍDEO. ETNOASTRONOMIA. 2013. Vídeo (26min26s). Publicado pelo canal Nova Amazônia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iANzY4Hb4Oc>. Acesso em: 14 jul. 2021.

A reportagem aborda a cultura astronômica e sua presença nas tradições de diversos povos desde os primórdios da humanidade.

TEXTO DE APOIO

A LDB, no seu artigo 28, determina:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente. [...]

II – organização escolar própria, incluindo

do a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm. Acesso em: 14 jul. 2021.

► ENCAMINHAMENTO

Para despertar o interesse dos alunos pelo assunto, pedir que observem a imagem com atenção e perguntar:

- Vocês gostaram do desenho feito pelos pataxós para marcar os meses do ano?
- Repararam que, no calendário dos pataxós, não aparecem semanas nem dias?
- O que é possível saber sobre esse povo indígena lendo a denominação dada por eles a cada mês do ano?

Com base no que você aprendeu, é certo dizer que os pataxós vivem no tempo da natureza?

Em seguida, sugere-se:

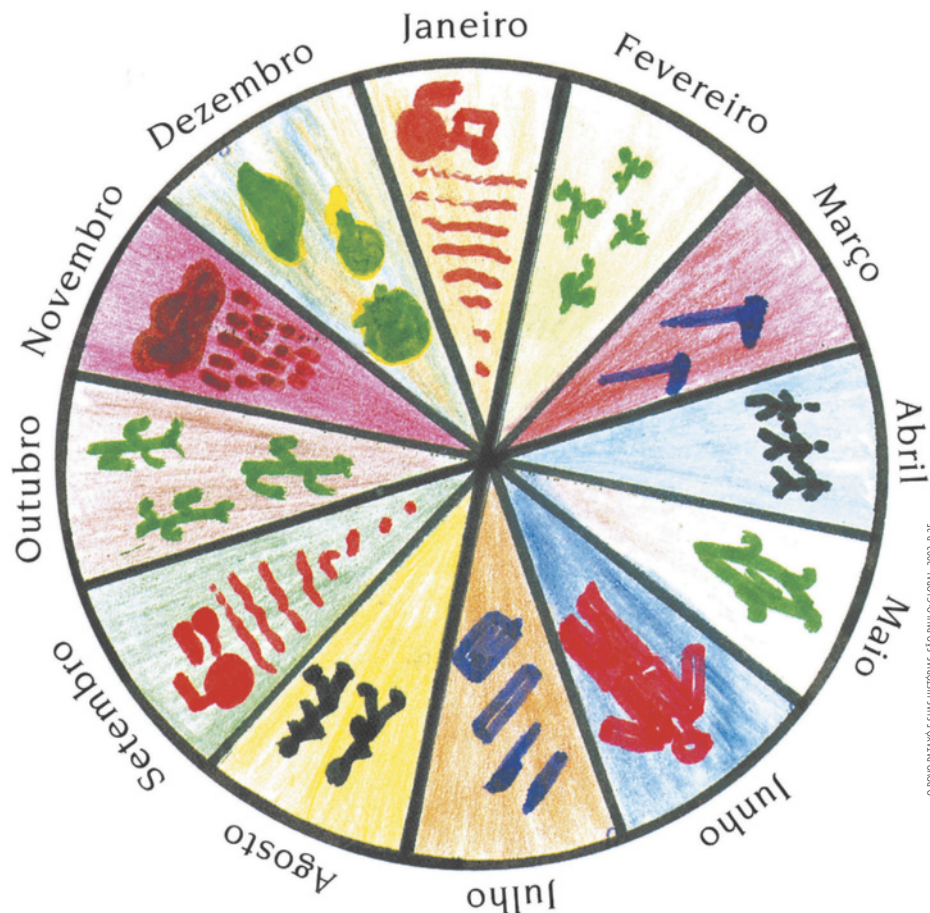
- Identificar formas de marcação do tempo entre distintas sociedades, incluindo-se a dos pataxós.
- Comparar o modo de os pataxós contarem e dividirem o tempo com o nosso modo de fazê-lo.
- Ampliar o conhecimento sobre o povo pataxó, acessando: PATAXÓ. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt-br/povo:Patax%C3%B3>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

ARARIBY et al. **O povo pataxó e suas histórias**. São Paulo: Global, 2002. História e a cultura do povo pataxó.

CALENDÁRIO PATAXÓ

Calendário é um jeito de contar e dividir o tempo e varia com a cultura de cada povo. Os Pataxó usam um calendário próprio. Veja como eles marcam os meses do ano.



▲ Ilustração feita pelos indígenas de Kanáttyo Pataxó e Manguahã Pataxó.

O POVO PATAXÓ E SUAS HISTÓRIAS. SÃO PAULO: GLOBAL, 2002. P. 25.

O Povo Pataxó e suas histórias



TEXTO DE APOIO

O texto a seguir foi feito por escritores pataxós.

Nossa aldeia é localizada no município de Carmésia – Minas Gerais. A população da nossa comunidade é de aproximadamente trezentos Pataxó, entre adultos, jovens, velhos e crianças. O nosso território ocupa uma área de 3.278 hectares. Aqui trabalhamos nos roçados, caçamos, pescamos e festejamos.

Nossa aldeia representa a nossa vida, sem ela, jamais conseguiremos viver! Aqui nascemos, crescemos, vivemos e morreremos.

Aqui na aldeia temos caças, matas, rios, peixes, morros, estradas, roçados, pedras, pássaros, o vento, a chuva, a lua, o sol, as estrelas, nossas casas, nossos velhos, nossas crianças, nossos jovens, nossas tradições e as ervas para fazermos remédios.

ARARIBY et al. **O povo pataxó e suas histórias**. São Paulo: Global, 2002. p. 9.

Janeiro – Mês de preparo de solo para feijão.

Fevereiro – Mês da planta do feijão.

Março – Mês da capina.

Abril – Mês da festa do awê.

Maio – Colheita do milho.

Junho – Mês do frio.

Julho – Mês de curso dos professores indígenas.

Agosto – Mês de volta às aulas.

Setembro – Mês de preparo de solo para o milho.

Outubro – Mês da planta do milho.

Novembro – Mês das águas.

Dezembro – Mês da manga [...].

Arariby e outros. **O povo pataxó e suas histórias.** São Paulo: Global, 2002. p. 25.



▲ Cultura material pataxó. Porto Seguro (BA), 2019.

1. O que esse calendário informa sobre a alimentação pataxó?
Informa que os Pataxó se alimentam de feijão, de milho e de frutas, como a manga.
2. Interprete o significado de “mês das águas” no texto.
Significa mês das chuvas, elemento importante para o crescimento das plantas.
3. Em qual mês, na nossa cultura e na dos Pataxó, vivenciamos o mesmo acontecimento? Justifique. *Agosto; mês de volta às aulas.*

ESCUTAR E FALAR

Com a ajuda da família, selecione os fatos que você considera importantes em cada um dos meses do ano. A seguir, represente cada um desses fatos por meio de um desenho ou fotografia.

Traga seu trabalho para a classe e, com a orientação do professor, apresente-o a seus colegas. *Produção pessoal.*

Autoavaliação. Responda no caderno.

Os colegas escutaram o que eu disse?
Pronunciei as palavras corretamente?
Consegui atrair a atenção dos colegas?
Meu trabalho ajudou os colegas?

13

TEXTO DE APOIO

O mês

O interesse pelo mês no sistema do calendário parece residir na relação entre o aspecto natural do mês, ligado à luação (mais ou menos registrada nos diversos calendários), e os aspectos culturais estreitamente dependentes da história. O mês natural deriva da luação, mas, nos calendários solares, esta origem é mais ou menos posta à parte. No entanto, este conserva uma grande pertinência no sistema do calendário e foi-se enriquecendo de significados no decurso da história.

Para certos povos, o mês é uma unidade flutuante, o ano não compreende um número preciso de meses, o mês não compreende um número preciso de semanas: é, em resumo, mais ou menos autônomo do sistema do calendário. É este o caso de algumas das populações africanas da Costa do Marfim [...]. Para os baulés, os meses não têm nome nem ordem, e não correspondem a um momento preciso do ano. Não tem sentido perguntar a um baulé quantos meses tem o ano. Os guerés não dividem o mês em semanas, mas em fases da Lua. Para certos povos lagunares desta região, há dois sistemas de meses: um mês lunar,

► ENCAMINHAMENTO

Professor, o desafio de selecionar um fato importante ocorrido em cada mês do ano pode ajudar o aluno a perceber que o calendário é uma construção cultural e, portanto, varia de acordo com a cultura de determinado povo.

+ATIVIDADES

1. Como vimos, entre os pataxós alguns alimentos são tão importantes que auxiliam a identificar os meses do ano. Quais são eles?
2. Produzam um calendário coletivo, no qual deverão ser registrados os acontecimentos mais importantes para o grupo (aniversários e eventos, entre outros).

Respostas:

1. Feijão, milho e manga.
2. Resposta pessoal.

puramente agrícola, e um mês ritual, com um número de dias bem definido (30, 36 ou 42), que regula a vida social e religiosa. Assim, o mês tem, sobretudo, um caráter econômico, enquanto regula a atividade do trabalho dos campos e da pesca. O mês ritual é, por outro lado, essencial para todo um conjunto de cerimônias, que têm lugar apenas uma vez no ciclo mensal.

LE GOFF, J. **História e memória.** Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Susana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 504-505.

► ENCAMINHAMENTO

Propor uma roda de conversa e perguntar aos alunos:

- Quando você vai a uma festa, à escola ou vai jogar com amigos, como faz para não perder a hora?
- Você costuma usar relógio de pulso?
- Você sabe o que é um relógio de areia?

Em seguida, sugere-se:

- Discutir a ideia de que, para a maioria de nós, o controle do tempo é importante para as atividades do nosso cotidiano, como assistir a uma sessão no cinema, chegar e sair da escola, saber o horário de entrada e saída do trabalho e marcar uma consulta médica.

- Analisar os diferentes tipos de relógios criados pelo ser humano.

Destacar que a ampulheta é um dos primeiros instrumentos para a medição do tempo e que ela mede pequenos intervalos.

Comentar que, com a precisão dos relógios atuais, podemos calcular até mesmo os milésimos de segundos dos acontecimentos.

Levar para sala de aula, se possível, um relógio mecânico para que os alunos percebam melhor a diferença entre esse modelo e o relógio digital.

A ampulheta é uma espécie de relógio inventada por volta do século XIV no norte da Europa. Para saber a hora, media-se a quantidade de areia que passava da parte de cima para a parte de baixo por um pequeno orifício.

A ampulheta foi muito utilizada durante as Grandes Navegações no século XV. Com ela, media-se, por exemplo, o horário de trabalho dos pilotos e dos vigias, que se revezavam constantemente. Com o passar dos anos, foram inventados instrumentos muito mais eficientes para medir o tempo. A ampulheta foi se tornando objeto de museu ou de decoração. Até que, com o desenvolvimento da informática, a partir de meados do século XX, ela voltou a ganhar popularidade: quando aparece na tela do computador, significa que devemos esperar o fim de

INSTRUMENTOS DE MEDIÇÃO DO TEMPO

A necessidade de calcular a duração dos fenômenos naturais levou os grupos humanos a criarem instrumentos de medição do tempo. Entre os mais antigos instrumentos de medição do tempo está a ampulheta. Bem mais tarde, foi desenvolvido o relógio mecânico e, mais recentemente, o relógio digital.

Ampulheta: instrumento pelo qual se mede o tempo pela quantidade de areia que passa de um compartimento de vidro para outro por meio de um orifício minúsculo.

Relógio mecânico: invenção europeia do início do século XIV. Observa um historiador que, a partir da invenção do relógio mecânico:



▲ Ampulheta.



▲ Relógio mecânico. Torre do Big Ben, no Palácio de Westminster, em Londres, Reino Unido, 2019.



Relógio digital. ►

“[...] as pessoas não se movem mais pelo ritmo do sol, pelo canto do galo ou pelo repicar dos sinos, mas pelo tique-taque contínuo, regular e exato dos relógios.”

Nicolau Sevcenko. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1994. p. 13.

Relógio digital: utiliza energia elétrica. Os notebooks, tablets e smartphones também possuem relógio digital.

DIALOGANDO

Que tipo de relógio você costuma consultar: o mecânico ou o digital?

Resposta pessoal.

determinada operação para continuar trabalhando.

SUGESTÕES ► PARA O ALUNO

VÍDEO. LONDRES de A a Z: Big Ben. 2012. Vídeo (4min48s). Publicado pelo canal YTLondres360. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T2o3T_HGVks. Acesso em: 14 jul. 2021.

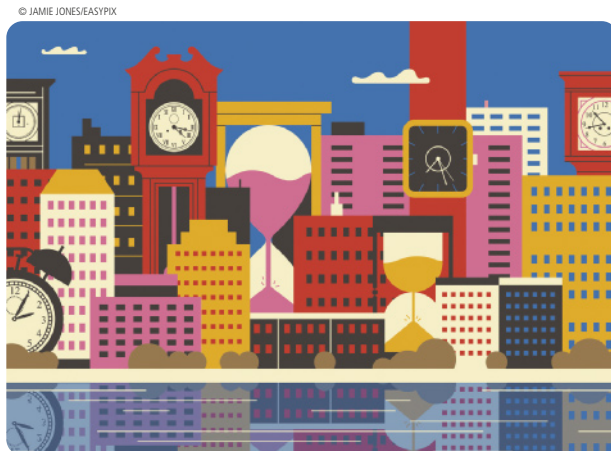
Uma visita ao prédio do Big Ben, em Londres, Inglaterra. A reportagem mostra o interior deste prédio histórico, o funcionamento do relógio de sua torre e o sino.

VÍDEO. RELÓGIO de sol com garrafa PET. 2015. Vídeo (12min25s). Publicado pelo canal Manual do Mundo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=onDE_ZAdkkE. Acesso em: 14 jul. 2021.

O vídeo ensina a fazer um relógio de sol em casa usando garrafa PET e mostra seu funcionamento.

- Observe a imagem ao lado, criada por Jamie Jones.

Jamie Jones. **Relógios e ampulhetas na paisagem urbana.** Ilustração digital, 2018.



- Quais instrumentos para a medição do tempo aparecem na ilustração?
Na ilustração vemos diversos relógios mecânicos e ampulhetas.
- Em sua opinião, por que o autor da ilustração colocou tantos medidores de tempo nessa cidade? *Resposta pessoal.*
- A ilustração se aplica à vida nas cidades brasileiras? *Resposta pessoal.*

Vamos fazer uma ampulheta?

Você vai precisar de:

- 2 garrafas plásticas de refrigerante (600 ml) bem limpas e secas (uma delas com tampa);
- Areia fina, sal seco ou farinha fina de mesa (farinha de mandioca);
- Fita gomada ou fita adesiva;
- 1 prego bem largo.

Como fazer:

- Encha uma das garrafas com areia, sal ou farinha de mesa;
- Tampe essa garrafa e peça para um adulto fazer um furo na tampa com um prego aquecido, de tamanho grande. Cole uma garrafa na outra, pelo gargalo;
- Coloque a garrafa cheia de areia, sal ou farinha virada para baixo e espere;
- O conteúdo (areia, sal ou farinha) vai cair para a garrafa de baixo, e o tempo que ele leva para passar de uma garrafa para outra depende da quantidade, do tamanho da garrafa e do gargalo. Se o conteúdo estiver úmido, pode ser que ele nem caia. Você pode fazer ajustes, aumentando ou diminuindo a quantidade.

Ciência Hoje das Crianças. **Aprenda a fazer uma ampulheta.** Disponível em: <http://chc.org.br/acervo/aprenda-a-fazer-uma-ampulheta/>. Acesso em: 1º ago. 2021. Adaptado.

15

+ATIVIDADES

Produza um miniconto a partir da imagem criada por Jamie Jones, inserindo personagem (real ou inventado) para demonstrar como o tempo rege a vida das pessoas, especialmente nas grandes cidades.

Esta atividade possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF35LP07) Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal

e verbal, pontuação (ponto-final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.

SUGESTÕES ► PARA O ALUNO

VÍDEO. COMO FUNCIONAM os relógios de pêndulo. Vídeo (1min28s). Publicado pelo canal comotudofunciona. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1p1FVITqn2g>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Vídeo sobre o funcionamento dos relógios de pêndulo.

► ENCAMINHAMENTO

Para introduzir o trabalho com esta página, pode-se perguntar:

- Como vocês organizam o tempo?
- Vocês consultam o relógio várias vezes ao dia? Quantas?
- Há quem diga que nos tornamos escravos do relógio. Vocês concordam?
- Vocês verificam as horas no relógio de pulso ou no celular?
- Quantos e quais tipos de instrumentos de medição de tempo vocês conhecem?

Em seguida, sugere-se:

- Orientar os alunos a observar a imagem com atenção e refletir sobre a importância dos instrumentos de medição do tempo em nossas vidas.
- Questionar os estudantes acerca da obra, explorando as impressões que ela causou.
- Explorar as cores, a disposição dos relógios, a construção de uma cidade com instrumentos de medição de tempo e os efeitos de sentido que esta escolha provoca.
- Retomar e consolidar o conceito de tempo cronológico.

Professor, na **atividade b**, espera-se que o aluno aponte a importância do relógio e, portanto, do controle do tempo para os habitantes da cidade. Na **atividade c**, espera-se que o aluno diga que os habitantes das cidades têm grande necessidade de relógios para não se atrasar em seus compromissos.

Professor, no texto **Vamos fazer uma ampulheta?**, orientar os alunos para que usem apenas tesouras com pontas arredondadas e que busquem a supervisão de um adulto para realização da atividade.

VÍDEO. RELÓGIO da torre da Concatedral Nossa Senhora da Glória já está funcionando. 2016. Vídeo (2min59s). Publicado pelo canal Fundação TV Beltrão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BTSO9PKO3mU>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Conheça a história do relógio da Torre da Concatedral Nossa Senhora da Glória, no Paraná.

ROTEIRO DE AULA

Para iniciar o trabalho com esta página, pode-se levar um calendário para a sala de aula e perguntar aos alunos:

- Em qual dia, mês e ano estamos?
 - Todos os povos da Terra estão no mesmo dia, mês e ano que nós?
 - Todos eles adotam nosso calendário?
 - Você sabia que existem diferentes calendários?
 - Sabia que, no Brasil, utilizamos o calendário cristão?
 - Sabe por que isso acontece?
- Em seguida, sugere-se:

- Chamar a atenção dos alunos para a existência de diferentes calendários, como o judeu, o muçulmano, o do povo Pataxó, entre outros.

Destacar que cada calendário é organizado com base em um fato importante para um povo.

- Comparar os três calendários destacados no texto: o cristão, o judaico e o muçulmano.
- Evidenciar a importância do calendário para a vida social.

Reforçar que o ponto de partida de cada povo ao escrever ou contar sua história é o acontecimento considerado mais importante para ele.

- Ampliar a compreensão do assunto trabalhando a contagem do tempo em outros calendários. Sugere-se acessar o seguinte texto: ALENCAR, L. Oito tipos de calendários usados pelo mundo. *Galileu*, 12 jan. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/01/oito-tipos-de-calendarios-usados-pelo-mundo.html>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Professor, os alunos têm um convívio diário com o calendário; no entanto, é importante relacionar o objeto aos usos que fazemos dele para que todos possam dar sentido à sua utilização.

OUTRAS CULTURAS, OUTROS CALENDÁRIOS

Outros povos também criaram calendários com base na sua cultura. Para dar início à contagem do tempo, cada povo escolheu uma data que é importante para ele.

Os judeus, por exemplo, começam a contar o tempo a partir da criação do mundo, que para eles se deu no ano 3.760 antes do nascimento de Cristo.

Já os muçulmanos contam o tempo a partir da ida do fundador da sua **religião**, Maomé, da cidade de Meca para Medina (na atual Arábia Saudita). Esse fato ocorreu no ano 622 depois do nascimento de Cristo.

Religião: é um conjunto de crenças, normas e valores partilhados por um grupo, comunidade ou povo; é importante lembrar que a religião é sempre coletiva.

Os cristãos, por sua vez, escolheram o nascimento de Cristo para dar início à contagem do tempo. Esse fato é um marco do calendário cristão. Assim, por exemplo, o ano de 2023, para os cristãos, corresponde ao ano de 1401 para os muçulmanos, e de 5783 para os judeus.

Povos e o ano em que se encontram em 2023			
Povos	Judeus	Cristãos	Muçulmanos
Anos em que se encontram em 2023	5783	2023	1401
			

EDITORIA DE ARTE

DIALOGANDO

O marco inicial do calendário grego é o ano em que ocorreu a primeira Olimpíada. O que isso quer dizer? **Isso quer dizer que as Olimpíadas eram um acontecimento importante na cultura dos gregos da Antiguidade.**

O CALENDÁRIO CRISTÃO

O calendário mais usado no Brasil é o cristão. Para nós, portanto, há fatos ocorridos antes e depois de Cristo nascer.

Ao escrever as datas de fatos ocorridos antes de Cristo, colocamos a abreviatura **a.C.** A invenção do fogo, por exemplo, ocorreu cerca de 500 mil anos antes do nascimento de Cristo, ou seja, 500.000 a.C. Já a primeira vacina foi desenvolvida em 1796. Nos fatos ocorridos depois do nascimento de Cristo, não é necessário colocar a abreviatura **d.C.**

O nosso calendário divide o tempo em dia, mês, ano, década (10 anos), século (100 anos) e milênio (1 000 anos). Assim, dizer que estamos em 2023 significa que já se passaram dois milênios e 23 anos do nascimento de Cristo.



Gravura colorizada representando o Papa Gregório XIII, responsável pela atualização do calendário cristão. Escola italiana, 1898.

1. Vimos que, para situar os fatos históricos no tempo, usamos anos, décadas, séculos, milênios etc. Pense e responda.

- a) Há quantos séculos se deu o nascimento de Cristo? **Há mais de 20 séculos.**
- b) Há quantos milênios? **Há mais de dois milênios.**

17

TEXTO DE APOIO

No dia 24 de fevereiro de 1582, o papa Gregório XIII decretou uma mudança na contagem do tempo. A alteração foi determinada por meio da bula papal chamada **Inter gravissimas**.

O documento criou o calendário gregoriano para ajustar o ano civil ao ano solar, período que a Terra leva para dar uma volta ao redor do Sol. A reforma substituiu o calendário juliano, que estava defasado em quase uma semana. A mudança estabeleceu uma duração mais exata para o calendário e uma base de cálculo para as festas móveis cristãs, como a Páscoa. O calendário gregoriano

começou a valer em outubro daquele mesmo ano. Para que o ajuste fosse feito, dez dias do mês deixaram de existir: o dia 4 pulou direto para o dia 15. O novo calendário oficial foi adotado primeiro em Portugal, Espanha e Itália, até ser seguido pela maior parte do mundo. O ano solar é calculado hoje em 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos.

LEITE, P. História hoje: há 435 anos calendário gregoriano mudou a forma de contagem do tempo. **EBC**, 24 fev. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/acervo/geral/audio/2017-02/historia-hoje-ha-435-anos-calendario-gregoriano-mudou-forma-de-contagem-do-tempo/#:~:text=No%20dia%2024%20de%20fevereiro,volta%20ao%20redor%20do%20Sol>. Acesso em: 14 jul. 2021.

► ENCAMINHAMENTO

- Retomar e aprofundar o conceito de calendário.
- Compreender que, no calendário cristão, há os fatos ocorridos antes e depois de Cristo.
- Esclarecer os alunos sobre o uso de algarismos romanos na escrita dos séculos.

+ATIVIDADES

Propor aos estudantes que produzam um roteiro para a feitura de um vídeo de três minutos sobre os calendários explorados no texto.

No roteiro, os estudantes deverão registrar:

- Informações sobre os tipos de calendário estudados, com o tempo previsto para a comunicação.
- Imagens para exemplificar cada calendário/cada povo, com o tempo previsto para a apresentação.

Quando os roteiros estiverem finalizados, promover a troca de roteiros entre os estudantes, de forma que cada um grave a partir do roteiro produzido pelo colega. A gravação poderá ser feita com celular ou outro equipamento, em casa ou na escola (o professor determinará a melhor opção).

Ao término da gravação, um grupo designado para avaliar os vídeos dará seu parecer sobre a gravação, observando se corresponde ao que foi planejado no roteiro.

SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

VÍDEO. CALENDÁRIO gregoriano define ano novo – Repórter Brasil. Vídeo (1min37s). Publicado pelo canal tvbrasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5Sys9saNrg>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Reportagem da TV Brasil sobre a criação do calendário gregoriano.

► ENCAMINHAMENTO

Pode-se iniciar o trabalho com esta página perguntando aos alunos:

- Você sabe quanto dura um século?
- Que evento é considerado o ano 1 do calendário cristão?
- O ano 1 do calendário cristão é o mesmo do calendário judeu?
- Em que século estamos no calendário cristão? Você sabe explicar por quê?

Em seguida, sugere-se:

- Explicar aos alunos como identificar a que século pertence determinado ano.
- Analisar a linha do tempo da página.
- Retomar e consolidar a noção de tempo cronológico e explicar as implicações da passagem dos anos.

Professor, se achar conveniente, comentar que essa linha do tempo usa escala proporcional.

ATIVIDADES

Imagine que você foi contratado por uma empresa de jogos *on-line*. Você precisa criar símbolos para indicar semana, mês, ano, século, milênio. Use sua criatividade!

COMO SABER EM QUE SÉCULO ESTAMOS?

O século é uma unidade de tempo muito utilizada pelos historiadores. Geralmente, é escrito em algarismos romanos: século I, século III, século XX, e assim por diante. Há duas regras práticas para saber a que século pertence determinado ano:

1ª) Quando o ano terminar em 00, é só eliminar esses dois algarismos e o número que sobrar indicará o século. Exemplo:

1200 século XII (século doze)

2ª) Quando o ano não terminar em 00, é só eliminar os dois últimos algarismos e somar 1 ao número que sobrou, e você terá o século. Exemplo:

2023 20
+ 1
21 século XXI (século vinte e um)

LINHA DO TEMPO

Para representar e ordenar os fatos numa sequência cronológica, utiliza-se a linha do tempo. Essa linha pode ser construída usando-se qualquer unidade de tempo: ano, década, século. Observe a linha do tempo a seguir.



Esta linha do tempo não usa escala proporcional.

18

TEXTO DE APOIO

Para que as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental compreendam os fatos, do ponto de vista histórico, é fundamental que a escola amplie a noção de tempo cronológico e explicita as implicações da passagem dos anos. [...]

Análise de linha do tempo

Atividade em que os estudantes têm a oportunidade de estudar (e elaborar) esse tipo de material usando determinados recortes históricos (escolhidos pelo professor, de acordo com o conteúdo trabalhado em sala). Fazendo isso,

eles têm a possibilidade de construir noções temporais básicas para se localizar na história

“É um recurso útil também para analisar como os fatos estudados estão localizados no contexto de uma época e também para perceber e avaliar quais outros eventos ocorriam simultaneamente”, diz Maria Aparecida Bergamaschi, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

BIBIANO, B. Como trabalhar a noção de tempo em História. *Nova Escola*, 1 dez. 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2370/como-trabalhar-a-nocao-de-tempo-em-historia>. Acesso em: 14 jul. 2021.

- 1.** Complete as frases em seu caderno de modo a formar frases historicamente corretas.
- a) Na nossa , isto é, no modo de viver e pensar, consultamos o várias vezes ao dia.
- b) Esse tempo controlado por relógios e horários é chamado de .
- 2.** Algumas das frases a seguir são verdadeiras e outras são falsas. Leia-as com atenção e corrija as falsas em seu caderno.
- a) Os primeiros grupos humanos organizavam sua vida com base na observação da natureza. **V**
- b) Alguns grupos humanos da atualidade continuam a organizar sua vida com base na observação da natureza. **V**
- c) Os Pataxó continuam a organizar suas vidas com base na observação da natureza. **F**
- d) Os Pataxó organizam sua vida com base no relógio. **F**
- e) Povos que organizam sua vida com base no tempo cronológico convivem com os que se orientam pelo tempo da natureza. **V**
- 3.** Copie a tabela abaixo em seu caderno e complete-a com um fato ou período importante ocorrido nos meses de janeiro, junho, outubro e dezembro no calendário cristão.

Mês do Dia Mundial do Meio Ambiente.
Mês das férias escolares.

		Calendário pataxó	Calendário cristão
			
		▲ Bracelete da cultura pataxó.	▲ Cruz da cultura material cristã.
a)	Janeiro	Mês do preparo de solo para feijão.	
b)	Junho	Mês do frio.	
c)	Outubro	Mês da planta do milho.	
d)	Dezembro	Mês da manga.	

Mês do Dia da Família.
Mês do Dia das Crianças.

19

► ENCAMINHAMENTO

Professor, na **atividade 1**, re-tomar alguns conceitos trabalhados no capítulo, como o de cultura e o de tempo cronológico. Comentar que as culturas são diferentes entre si e que não há cultura superior à outra. Na **atividade 2**, chamar a atenção para o fato de que continuam existindo grupos humanos que vivem de forma semelhante ao de nossos antepassados remotos. Ou seja, no tempo da natureza. Na **atividade 3**, incentivar os alunos a refletirem sobre a importância de localizarmos os fatos históricos no tempo e no espaço.

+ ATIVIDADES

- Já pensou se fosse possível viajar no tempo? O que você gostaria de conhecer? Para qual época gostaria de viajar?
- Debata com seus colegas sobre a importância de respeitarmos as diferentes culturas e produza uma frase exaltando o “respeito à diferença”.
- Usando uma cartolina branca, construa duas linhas do tempo: uma com fatos da sua vida e outra com fatos da vida de um adulto importante para você (mãe, pai,

avó, avô etc.). Ilustre suas linhas do tempo com fotografias e desenhos.

Dicas para elaborar as linhas do tempo

- Faça duas linhas ocupando toda a largura da cartolina.
- Divida essas linhas em partes iguais. Em uma delas, comece a contagem do tempo no ano de seu nascimento; na outra, inicie com a idade que o adulto tinha quando você nasceu.
- Pesquise e assinale os fatos mais importantes ocorridos em sua vida e na dele.

ROTEIRO DE AULA

Propor uma roda de conversa e perguntar aos alunos:

- Vocês já ouviram a expressão “tempo africano”?
- Sabiam que muitos povos africanos marcam o tempo de um jeito diferente da maioria de nós, brasileiros, dos dias atuais?
- Sabiam que esses povos africanos marcam o tempo por tarefa e não por minutos, horas ou dias?

Em seguida, sugere-se:

- Estabelecer a diferença entre o tempo africano, ou seja, o tempo vivido, e o tempo controlado por cronômetros e relógios.
 - Ajudar os estudantes a compreenderem a noção de tempo marcado por tarefas: o tempo vivido.
 - Destacar o valor dado ao idoso nas sociedades tradicionais da África e entre muitas famílias afro-brasileiras.
 - Incentivar os alunos a contar o que aprenderam com idosos.
- Professor**, na seção **Dialogando**, a ideia é estimular o aluno a traçar paralelos, comparando o que ocorre na família dele com o que se passa naquela que adota o tempo africano.

TEMPO AFRICANO

Uma das principais coisas que a maioria de nós, brasileiros, faz ao acordar é consultar o relógio. O tempo para nós é linear e possui uma direção única, do passado para o futuro. Nós marcamos o tempo por meio do relógio. Dizemos, por exemplo, “escovei os dentes em cinco minutos”, “fiz a tarefa escolar em três horas”.



▲ Griô do povo dogon, que vive na República do Mali. Griô é o nome dado aos contadores de histórias, cantores e músicos responsáveis por conservar e transmitir conhecimentos e canções de seu povo.

Já o tempo africano é o tempo presente, o tempo do acontecimento, do vivido. Nesse modo de ver, marca-se o tempo por tarefa, e não por dias, horas ou minutos. Assim, há o tempo de se alimentar, tempo de colher, tempo de preparar uma festa, e assim por diante.

Além disso, o passado vive no presente por meio dos mais velhos, que, nas sociedades tradicionais da África, têm posição de destaque. O idoso é visto como uma biblioteca viva, alguém que possui um saber digno de ser conhecido e compartilhado. E os que já morreram continuam influenciando os vivos. Muitas famílias africanas e afro-brasileiras dos dias atuais continuam a se guiar pelos ensinamentos de uma bisavó ou avó, mesmo após a morte delas. É comum, diante de um problema, se perguntarem: “o que minha bisavó faria nessa situação?” E, na hora de decidir, ouvir os conselhos deixados por ela.

DIALOGANDO

E na sua casa, como é? Os conselhos de uma bisavó ou tataravó continuam tendo importância nas decisões tomadas por sua família? **Resposta pessoal.**

20

TEXTO DE APOIO

O tempo africano

O conceito de tempo nos ajuda a explicar crenças, atitudes, práticas e, em geral, o sentido da vida dos povos africanos, não somente no contexto tradicional, mas também na situação moderna (seja na política, econômica, educação etc.). Na tradição africana o tempo é simplesmente a composição dos eventos que ocorreram, que estão ocorrendo agora, que imediatamente e inevitavelmente ocorrem. Os eventos que ainda não ocorreram estão

na categoria do “Não tempo”. Neste caso o futuro é praticamente ausente porque os eventos ainda não aconteceram, não se realizaram, portanto, não constituem o tempo. [...]

Há o tempo de experiência pessoal na sua própria vida [...], na sociedade que se prolonga por gerações, em gerações anteriores ao seu nascimento. A medida que o futuro não foi vivido, experimentado, não faz sentido e não constituiu parte de tempo [...]. O tempo está ligado aos acontecimentos ocorridos, as pessoas não reconhecem o vácuo (espaço sem eventos). [...]

Para os africanos, bantos em particular,

a vida não existe para ser transformada em solução, mas para ser vivida intensamente no presente, fora de todo o contexto do “pecado original”. O trabalho, o amor, a dança, os mortos-vivos, a palavra (o sopro dos ancestrais) são mensagens que o *munthu*, o homem africano banto atribui a ele mesmo, no tempo e espaço, para ser, estar e viver, apreciando, usufruindo subjetivamente e objetivamente a totalidade do Universo.

DOMINGOS, L. T. A visão africana em relação à natureza. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – Anpuh – Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, PR, v. III, n. 9, jan. 2011.

Veja o que dois historiadores dizem a respeito:

O tempo africano

[...] as gerações passadas não estão perdidas para o tempo presente. À sua maneira, elas permanecem sempre contemporâneas e tão influentes, se não mais, quanto o eram durante a época em que viviam. [...] Quando o imperador do Mali, Kankou Moussa (1312-1332), enviou um embaixador ao rei do Yatenga para pedir-lhe que se convertesse ao islamismo, o chefe Mossi respondeu que antes de tomar qualquer decisão ele precisava consultar seus ancestrais. Percebe-se aqui como o passado, através do culto, está diretamente ligado ao presente.



▲ Ilustração representando um griô.

Joseph Ki-Zerbo (editor). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 81-82.

► ENCAMINHAMENTO

Professor, na **atividade 4**, espera-se que o estudante perceba que nesse modo de ver o mundo, os ancestrais continuam presentes e influenciando os vivos

SUGESTÃO PARA O ALUNO

VÍDEO. GALISSA – *Griot* – Mestre de Korá. 2009. Vídeo (9min50s). Publicado pelo canal memoriamedia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UEL5Y7vFZmw>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Entrevista com o *griot* José Galissa.

+ATIVIDADES

Produzam uma história em quadrinhos sobre o importante papel do idoso na cultura e na tomada de decisões de uma família ou de uma comunidade.

1. Consulte um dicionário e escreva no caderno o significado de:
a) Contemporâneo. Contemporâneo: que é do tempo atual. b) Ancestral. Ancestral: familiar antepassado, antecessor.
2. Localize e transcreva a frase que justifica a afirmação: “As gerações passadas não estão perdidas para o tempo presente”. “Elas [as gerações passadas] permanecem sempre contemporâneas e tão influentes, se não mais, quanto o eram durante a época em que viviam”.
3. Complete a frase em seu caderno, escolhendo a alternativa correta.
O rei do Yatenga respondeu ao pedido do embaixador de Kankou Moussa afirmando que: Alternativa a.
a) Só tomaria uma decisão após consultar seus ancestrais.
b) Só tomaria uma decisão após consultar seus irmãos.
c) Só tomaria uma decisão após consultar seus filhos.
d) Só tomaria uma decisão após consultar seus primos.
4. Escreva uma frase relacionando o respeito aos ancestrais ao tempo africano.
Resposta pessoal.

21

TEXTO DE APOIO

A importância da oralidade

Até os dias atuais, a maior parte das sociedades africanas subsaarianas dá grande importância à oralidade, ao conhecimento transmitido de geração para geração por meio das palavras proferidas com cuidado pelos tradicionalistas – os guadiões da tradição oral, que conhecem e transmitem as ideias sobre a origem do mundo, as ciências da natureza, a astronomia e os fatos históricos.

Nessas sociedades de tradição oral, a relação entre o homem e a natureza é

mais intensa. A palavra tem um valor sagrado, sua origem é divina. A fala é um dom, não podendo ser utilizada de forma imprudente e leviana. Ela tem o poder de criar, mas também o de conservar e destruir. Uma única palavra pode causar uma guerra ou proporcionar a paz.[...]

Os *griots* ou animadores públicos também são tradicionalistas responsáveis pela história, música, poesia e contos. Existem *griots* músicos, tocadores de instrumentos, compositores e cantores,

os *griots* embaixadores, mediadores em caso de desentendimento entre as famílias, e os *griots* historiadores, poetas e genealogistas, estes são os contadores de história. Nem todos os *griots* têm o compromisso com a verdade como os demais tradicionalistas. A eles é permitido inventar e embelezar as histórias. [...]

MATTOS, R. A. de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 19.

VOCÊ LEITOR!

► ENCAMINHAMENTO

Propor as seguintes perguntas norteadoras:

- O que vocês entendem por cultura?
- Até que ponto a arte influencia suas vidas?
- Qual a importância da religião na vida das pessoas?
- Você convive bem com as pessoas que pensam diferente de você ou têm uma religião diferente da sua?

Em seguida, sugere-se:

- Retomar os conceitos de cultura, arte e religião. **Religião** é um conjunto de crenças, normas e valores partilhados por um grupo, uma comunidade ou um povo. É importante lembrar que a religião é sempre coletiva.

Chamar a atenção dos alunos para o fato de termos liberdade religiosa no Brasil, ou seja, cada pessoa pode seguir a religião com a qual se identifica.

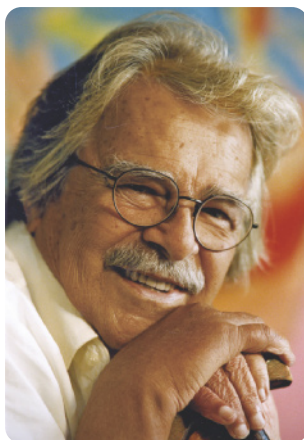
Lembrar aos alunos que, apesar de o Brasil ser um país de maioria cristã, outras religiões também são presentes em nosso país, como religiões de matriz africana, de matriz indígena, islamismo, budismo, entre outras.

Comentar que é fundamental o respeito às diferenças, sejam elas de ordem cultural ou religiosa.

VOCÊ LEITOR!

Leia o texto a seguir com atenção.

Chama-se cultura tudo o que é feito pelos homens, ou resulta do trabalho deles e de seus pensamentos. [...] Uma casa qualquer [...] é claramente um produto cultural, porque é feita pelos homens. A mesma coisa se pode dizer de um prato de sopa, de um picolé ou de um diário. Mas estas são coisas da cultura material, que se podem ver, medir, pesar.



▲ Darcy Ribeiro, 1996.



▲ Ziraldo, 2008.

Há, também, para complicar, as coisas da cultura imaterial [...]. A fala, por exemplo, que se revela quando a gente conversa, [...] é criação cultural. [...]

Além da fala, temos as crenças, as artes, que são criações culturais porque inventadas pelos homens e transmitidas uns aos outros através das gerações.

Darcy Ribeiro e Ziraldo. **Noções de coisas**. São Paulo: FTD, 1995. p. 34.

1. Segundo os autores do texto, o que é cultura? **Tudo aquilo que é feito pelos seres humanos, ou resulta do trabalho deles e de seus pensamentos.**
2. Estabeleça a diferença entre cultura material e cultura imaterial.
3. Qual desses produtos feitos pelos seres humanos são da cultura material e quais são da cultura imaterial? **Cultura material: casa e mesa; cultura imaterial: festa e dança.**

casa

festa

mesa

dança

2. A cultura material é tudo que é feito pelos seres humanos e se pode ver, medir, pesar; já a cultura imaterial é tudo aquilo que é produzido pelo ser humano, mas não é palpável, ou seja, não pode ser pego, como o modo de fazer uma comida, uma brincadeira, uma festa, um ritual etc.

Leia a letra da música “Sobre o Tempo”, da banda mineira Pato Fu.

Tempo, tempo, tempo mano velho
Tempo, tempo, tempo mano velho
Vai, vai, vai, vai, vai, vai
Tempo amigo seja legal
Conto contigo pela madrugada
Só me derrube no final oh oh, oh oh ah

Sobre o Tempo. Intérprete: Pato Fu. In: Gol de quem?
São Paulo: BMG Brasil, 1995. Faixa 7.



▲ Fernanda Takai, vocalista da banda Pato Fu, 2017.

1. O compositor trata o tempo como membro da família. Como isso aparece na letra? **Isso aparece na letra quando o compositor chama o tempo de “mano velho”.**
2. O que o compositor pede ao tempo? **O compositor pede para o tempo ser leal com ele.**
3. Interprete. O que o compositor da música quer dizer com “Vai, vai, vai, vai, vai, vai”? **Quer dizer que o tempo não para.**

VÍDEO-MINUTO

Grave um vídeo-minuto explicando a diferença entre cultura material e imaterial.

Apresente:

- objetos da cultura material que sirvam de fonte para se conhecer um povo;
- manifestações artísticas de uma das regiões brasileiras.

Produção pessoal.

23

TEXTO DE APOIO

Tecnologias na escola

A chegada das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na escola evidencia desafios e problemas [...]. Para entendê-los e superá-los é fundamental reconhecer as potencialidades das tecnologias disponíveis e a realidade em que a escola se encontra inserida, identificando as características do trabalho pedagógico que nela se realizam, de seu corpo docente e discente, de sua comunidade interna e externa.

Esse reconhecimento favorece a incorporação de diferentes tecnologias (computador, internet, TV, vídeo...) existentes na escola à prática pedagógica e a outras atividades escolares nas situações em que possam trazer contribuições significativas. As tecnologias são utilizadas de acordo com os propósitos educacionais e as estratégias mais adequadas para propiciar ao aluno a aprendizagem, não se tratando da informatização do ensino, que reduz as tecnologias a meros instrumentos para instruir o aluno.

► ENCAMINHAMENTO

- Analisar a letra de música **Sobre o tempo**.
- Comentar as respostas dos alunos estimulando a habilidade de interpretar.
- Apresentar o vídeo da canção **Sobre o tempo** e solicitar aos estudantes que compartilhem suas compreensões sobre a letra da canção.
- **Link** para a canção: PATO Fu – Sobre o tempo (ao vivo). 2021. Vídeo (3min14s). Publicado pelo canal Pato Fu. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A7vLtKK_2Mc. Acesso em: 15 jul. 2021.

Professor, na **atividade 3**, comentar que o compositor pede para o tempo mantê-lo acordado de madrugada e que só o deixe dormir quando ela tiver fim.

+ATIVIDADES

👤 Façam um levantamento de provérbios que falem sobre o tempo. Escolham um deles, registrem e ilustrem para a produção de um painel sobre a temática. Depois, fotografem o painel com os provérbios e postem fotos nas redes oficiais da escola.

Produções pessoais.

No processo de incorporação das tecnologias na escola, aprende-se a lidar com a diversidade, a abrangência e a rapidez de acesso às informações, bem como com novas possibilidades de comunicação e interação, o que propicia novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento.

BRASIL. Ministério da Educação. **2. Tecnologias na escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2021.

ROTEIRO DE AULA

Pode-se introduzir o assunto fazendo as seguintes perguntas norteadoras:

- Vocês já assistiram a algum filme ou leram uma história em quadrinhos ambientados na Pré-História?
- Vocês sabem quando começa e quando termina esse período da história humana?
- Imaginam qual foi o critério usado para dividir a história humana em Pré-História e História?
- Sabem o significado de Paleolítico? E de Neolítico?

Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:

- Trabalhar os conceitos de Pré-História e História.
- Levar em conta que antes da invenção da escrita ocorreram fatos tão importantes quanto depois dela. Por isso, os historiadores atualmente preferem dizer que a “Pré-História” também é História.

Chamar a atenção dos alunos para o fato de que a Pré-História é um período muito longo da história da humanidade e que, nesse período, foram feitas importantes descobertas, como a roda e o domínio do fogo.

TEXTO DE APOIO

Pré-História: um conceito discutível

Os historiadores do século XIX dividiram a longa aventura dos seres humanos sobre a Terra em dois períodos: Pré-História e História. Segundo eles, a Pré-História começaria com o aparecimento dos humanos, há cerca de 2 milhões de anos, e teria fim com a invenção da escrita [...]. Já a História se estenderia do aparecimento da escrita aos dias atuais. Nessa visão tradicional, a História é dividida em quatro

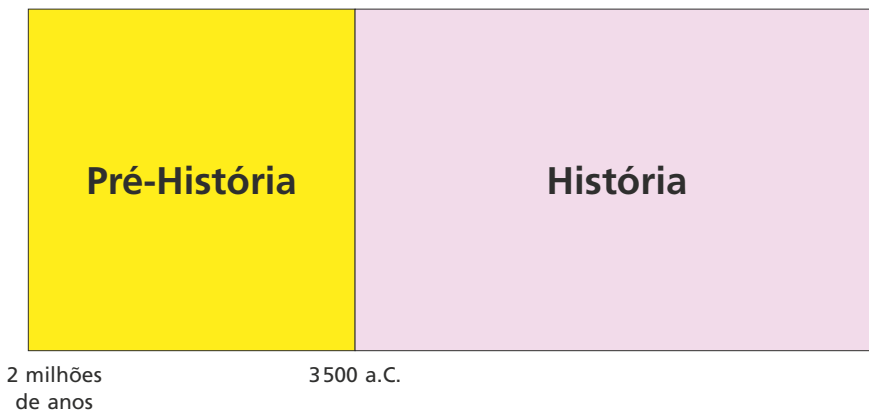
2 OS PRIMEIROS POVOADORES DA TERRA

Tradicionalmente, divide-se a longa trajetória da humanidade em Pré-História e História.

A Pré-História começa com o surgimento do gênero *Homo* (do qual fazemos parte), há cerca de 2 milhões de anos, e vai até a invenção da escrita, ocorrida por volta de 3500 a.C. A História vai da invenção da escrita aos dias atuais.

Surgimento do
gênero *Homo*

Invenção da
escrita



Esta linha do tempo não usa escala proporcional.

Repare que essa divisão considera as sociedades sem escrita como sociedades sem história. Os historiadores atuais já não aceitam esse modo de ver, pois, para eles:

- as conquistas humanas anteriores à escrita (como o domínio do fogo, a invenção da roda, a prática da agricultura) são tão importantes quanto as que vieram depois, como o avião, a penicilina e a cura para a tuberculose;
- os povos que não desenvolveram a escrita também possuem uma história movimentada, que precisa ser mais bem conhecida.

Por isso, para os historiadores atuais, a Pré-História também é parte da História e os seres “pré-históricos”, com sua imaginação e inteligência, também fizeram história. Porém, conhecer essa divisão é importante porque ela aparece em desenhos, filmes, gibis, revistas e livros.

24

idades: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Repare que essa periodização considera as sociedades sem escrita (ágrafas) sociedades sem história. Nessa abordagem, a Pré-História é vista como algo menor, uma espécie de ensaio para a História. É que os criadores dessa periodização, os historiadores do século XIX, consideravam o documento escrito muito mais importante do que os outros. Veja o que se disse sobre o assunto:

[...] Um historiador da Escola Metódica do século XIX teria certeza de que o documento é, em essência, o texto

escrito: a carta, o tratado de paz, o testamento etc. [...]

Desde o século XIX, o conceito e abrangência do termo documento histórico foram sendo ampliados. A Escola dos *Annales*, no século XX, colaborou ainda mais para o alargamento da noção de fonte. Ao determinar que a busca do historiador seria guiada por tudo o que fosse humano, Marc Bloch demonstra que, ao mesmo tempo em que se amplia o campo do historiador, amplia-se, necessariamente, a tipologia da sua fonte.

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 14.

OS CAÇADORES E COLETORES

Tradicionalmente, divide-se a “Pré-História” em dois períodos: o Paleolítico (pedra lascada) e o Neolítico (pedra polida).

Paleolítico é um longo período em que os grupos humanos produziam suas ferramentas de **pedra lascada**, que serviam como machados e facas com os quais abatiam animais, coletavam frutos e faziam suas roupas.



Ferramentas do período Paleolítico. Museu de Antiguidades Nacionais, St. Germain-en-Laye, França. Além da pedra lascada, os grupos humanos usavam também osso e madeira.

No Paleolítico, os seres humanos sobreviviam da caça, da pesca e da coleta de frutas, por isso ficaram conhecidos como **caçadores e coletores**.

Eles eram **nômades**, isto é, não tinham moradia fixa. Sempre que a caça, os peixes e os frutos de um lugar começavam a diminuir, eles se mudavam para outro local, em busca de alimentos.

25

TEXTO DE APOIO

Os primeiros povoadores do nosso território usaram artefatos de materiais resistentes como pedras e ossos ao lado de outros que se deterioraram rapidamente, como madeira e fibras vegetais. No entanto, só os utensílios feitos de pedras chegaram até hoje e incluem pontas de projéteis para caçar e outros instrumentos para lascas, gravar, talhar, cortar e furar [...]. A partir dessas evidências, a Arqueologia busca reconstituir a vida dos antigos habitantes. Eles tinham grande conhecimento do meio ambiente, controlavam o litoral, recolhendo plantas e frutas [...] e caçando

pequenos animais para servir de alimento, para fins medicinais ou para fins estéticos.

Eram hábeis caçadores, pois vestígios de animais de pequeno e grande porte (como veados e antas) foram encontrados em sítios arqueológicos mais antigos, ao lado de restos [...] de frutos e sementes. [...] O conjunto das evidências sugere que os primeiros caçadores-coletores do Brasil, que habitaram a região Amazônica, possuíam uma dieta diversificada.

MUSEU NACIONAL. **Arqueologia brasileira**. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/7/cacadorescolet.htm>. Acesso em: 15 jul. 2021.

► ENCAMINHAMENTO

- Diferenciar caçadores e coletores de agricultores e pastores.
- Ajudar os alunos a construir as noções de sedentarismo e nomadismo.

Professor, o **capítulo 2** apresenta fundamentação teórica sobre a Pré-História e a História, explorando informações sobre os primeiros povoadores da Terra e seus modos de vida. A presença de textos com expressiva quantidade de informações possibilita o desenvolvimento da fluência oral, o desenvolvimento da postura autônoma, crítica e participativa frente às leituras. Propomos, assim, que os estudantes se preparem previamente para as aulas em que os textos serão discutidos e que se responsabilizem pela leitura dos textos para os colegas.

Há oito textos selecionados para a atividade proposta. São eles:

- Os caçadores e coletores (página 25).
- O começo da agricultura (página 26).
- Os agricultores e pastores (página 28).
- Da aldeia à cidade (página 30).
- Surge o comércio (página 32).
- O Estado, outra forma de organização social (página 33).
- A formação da cidade (página 35).
- A escrita (página 36).

Dividir os estudantes em duplas ou trios (de acordo com o número de estudantes da turma). Cada dupla ou trio ficará responsável por um título e deverá se preparar para a leitura em voz alta, durante a aula. Previamente, todos os estudantes deverão se preparar para a discussão das informações do texto, lendo-o em casa e registrando, para cada leitura, uma informação que considerou muito importante (ideia central do texto) e uma dúvida, ou um comentário, ou uma associação a outros textos ou materiais. No dia marcado, iniciar a aula com a leitura em voz alta dos estudantes responsáveis pela tarefa e promover a discussão coletiva dos textos, a partir das anotações realizadas pelos estudantes.

► ENCAMINHAMENTO

Para dar início a uma aula dialogada, pode-se perguntar:

- Que alimentos que vocês comem no dia a dia são produzidos por meio da agricultura?
- A agricultura é importante na economia brasileira?
- Vocês sabiam que o desenvolvimento da agricultura pelos seres humanos é chamado de Revolução Agrícola?
- Sabiam que a agricultura mudou muito o modo de os seres humanos viverem e trabalharem?

Em seguida, sugere-se:

- Retomar e consolidar o conceito de sedentarismo.
- Propor uma reflexão sobre a importância da agricultura no processo de sedentarização dos seres humanos.
- Relacionar o desenvolvimento da agricultura ao surgimento do comércio.

O COMEÇO DA AGRICULTURA

Há cerca de 10 mil a.C., a Terra passou por uma grande mudança climática. As temperaturas subiram e as camadas de gelo que cobriam parte da superfície terrestre recuaram. Muitos animais acostumados a climas frios, como os bisões e os mamutes, desapareceram, e a carne se tornou mais rara.

Os seres humanos, então, passaram a buscar outras fontes de alimentos. Essa busca deu origem à descoberta da agricultura, ou seja, o cultivo intencional, uma das maiores conquistas humanas de todos os tempos. Juntamente com a agricultura, os humanos desenvolveram a **pecuária**, ou seja, a domesticação e criação de animais, como cabras, ovelhas e bois.

A necessidade de abater animais para separar a pele da carne e para se defender levou os seres humanos a polirem a pedra, aperfeiçoando e aumentando a eficiência e a durabilidade de suas ferramentas. Com pedra polida faziam lâminas de corte afiado, serras com dentes e machados mais afiados. Por isso, os estudiosos chamaram o período que se abriu com o desenvolvimento da agricultura de **Idade da Pedra Polida** ou **Neolítico**.



26

TEXTO DE APOIO

O texto a seguir é de Pedro Rodrigues, mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc-SC).

Revolução Agrícola

Entende-se por revolução, usualmente, algo que tenha causado uma transformação abrupta na sociedade. Entretanto, quando falamos do processo de saída do nomadismo para o sedentarismo a partir do domínio da agricultura estamos falando da **Revolução Agrícola**, ain-

da que não de forma acelerada. A transformação da sociedade aqui foi impactante mas aconteceu de forma lenta.

A agricultura e consequentemente o sedentarismo impactaram profundamente a vida humana. Foi por conta disso que houve um aumento significativo no número de seres humanos. As práticas anteriores, de caça e coleta, impediam o crescimento demográfico, enquanto o sedentarismo promoveu um aumento populacional. Ainda assim não é possível falar em uma transição abrupta do nomadismo para o sedentarismo. Enquanto alguns grupos dominavam a agricultura, outros tantos viviam de

forma nômade. Há entre estas formas de vida uma diferença crucial: as crianças, nos grupos nômades, atrapalhavam a coletividade nas grandes caminhadas por serem pouco resistentes e demandarem atenção, especialmente das mulheres. Nos grupos agrícolas as crianças atrapalhavam menos e ainda auxiliavam nos trabalhos. Nestes grupos havia uma divisão do trabalho entre homens e mulheres.

Os produtos cultivados variavam de região para região com a natural predominância de espécies nativas, como os cereais (trigo e cevada), o milho, raízes (batata-doce e mandioca) e o arroz, principalmente.

-  1. Copie no caderno as frases abaixo, escrevendo à frente de cada uma delas **V** (verdadeira) ou **F** (falsa).
- a) Os historiadores atuais não aceitam a ideia de que as sociedades sem escrita são sociedades sem história. **V**
 - b) As conquistas humanas anteriores à escrita são tão importantes quanto as que vieram depois. **V**
 - c) Os povos sem escrita também possuem uma história movimentada que precisa ser conhecida. **V**
 - d) A descoberta da cura para a tuberculose é mais importante do que a invenção da roda. **F**
2. Identifique a afirmativa **INCORRETA** e corrija-a, reescrevendo a frase no caderno.
- a) O Paleolítico é um longo período em que os grupos humanos lascavam a pedra para construir suas ferramentas.
 - b) No Paleolítico, os seres humanos sobreviviam da prática da agricultura e do pastoreio. **b) No Paleolítico, os seres humanos sobreviviam da caça, da pesca e da coleta de frutas.**
 - c) Os seres humanos do Paleolítico eram nômades, isto é, não tinham moradia fixa.
 - d) As ferramentas produzidas no Neolítico eram mais eficientes e duradouras do que as fabricadas no Paleolítico.
3. Copie no caderno as alternativas **corretas**. **Alternativas a, b, c.**
- a) A busca por outras fontes de alimentos deu origem à descoberta da agricultura.
 - b) Paralelamente à agricultura, os seres humanos desenvolveram a pecuária.
 - c) Para extrair a pele de animais e se defender, os seres humanos passaram a polir a pedra.
 - d) Com pedra polida, os seres humanos faziam ferramentas menos eficientes do que as do Paleolítico.
4. Imagine e escreva um pequeno texto sobre as vantagens que a feitura de lâminas de corte afiado, serras com dentes e machados mais afiados, proporcionou aos seres humanos do Neolítico.
4. Espera-se que os estudantes percebam que esses instrumentos de trabalho ajudavam os humanos do Neolítico a retirarem pelos de animais, obter madeira para suas necessidades etc.

27

+ATIVIDADES

1. Caracterize a organização social e a divisão de tarefas nas aldeias neolíticas.
2. Imagine-se vivendo em uma aldeia neolítica. Como você faria as atividades simples do dia a dia (alimentar-se, cozinhar, brincar ou jogar com os amigos etc.)? Escreva um pequeno texto sobre esse assunto no caderno.

Respostas:

1. Com a sedentarização, os agricultores e pastores fixaram-se em um local e formaram as aldeias. Nas aldeias neolíticas, o trabalho era dividido entre as mulheres e os homens. As mulheres dedicavam-se ao preparo dos alimentos e cuidavam dos filhos. Já os homens construíam moradias, caçavam e cuidavam dos rebanhos.

2. Resposta pessoal.

SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

VÍDEO. OS CAÇADORES e coletores. Vídeo (26min3s). Publicado pelo canal Viomundo. Disponível em: <https://vimeo.com/41053917>. Acesso em: 9 jul. 2021.

O vídeo mostra dois povos africanos.

TEXTO DE APOIO (CONTINUAÇÃO)

Uma vez iniciada a atividade, o homem foi aprendendo a selecionar as melhores plantas para a sementeira e a promover o enxerto de variedades, de modo a produzir grãos maiores e mais nutritivos do que os selvagens.

Por que se fala em Revolução Agrícola? Porque o impacto da nova atividade na história do homem foi enorme. E não se trata apenas de questão acadêmica, mas de algo real e palpável como o pró-

prio número de seres humanos sobre a face da Terra.

De fato, nos sistemas de caça e coleta estabelece-se um controle demográfico resultante da limitação da oferta de alimentos. Não é por não existirem alimentos na natureza, mas porque sua obtenção torna-se extremamente mais complicada para grandes grupos.

RODRIGUES, P. E. Revolução Agrícola. **InfoEscola**, c2006-2021. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/revolucao-agricola/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

► ENCAMINHAMENTO

Iniciar a aula com as seguintes perguntas norteadoras:

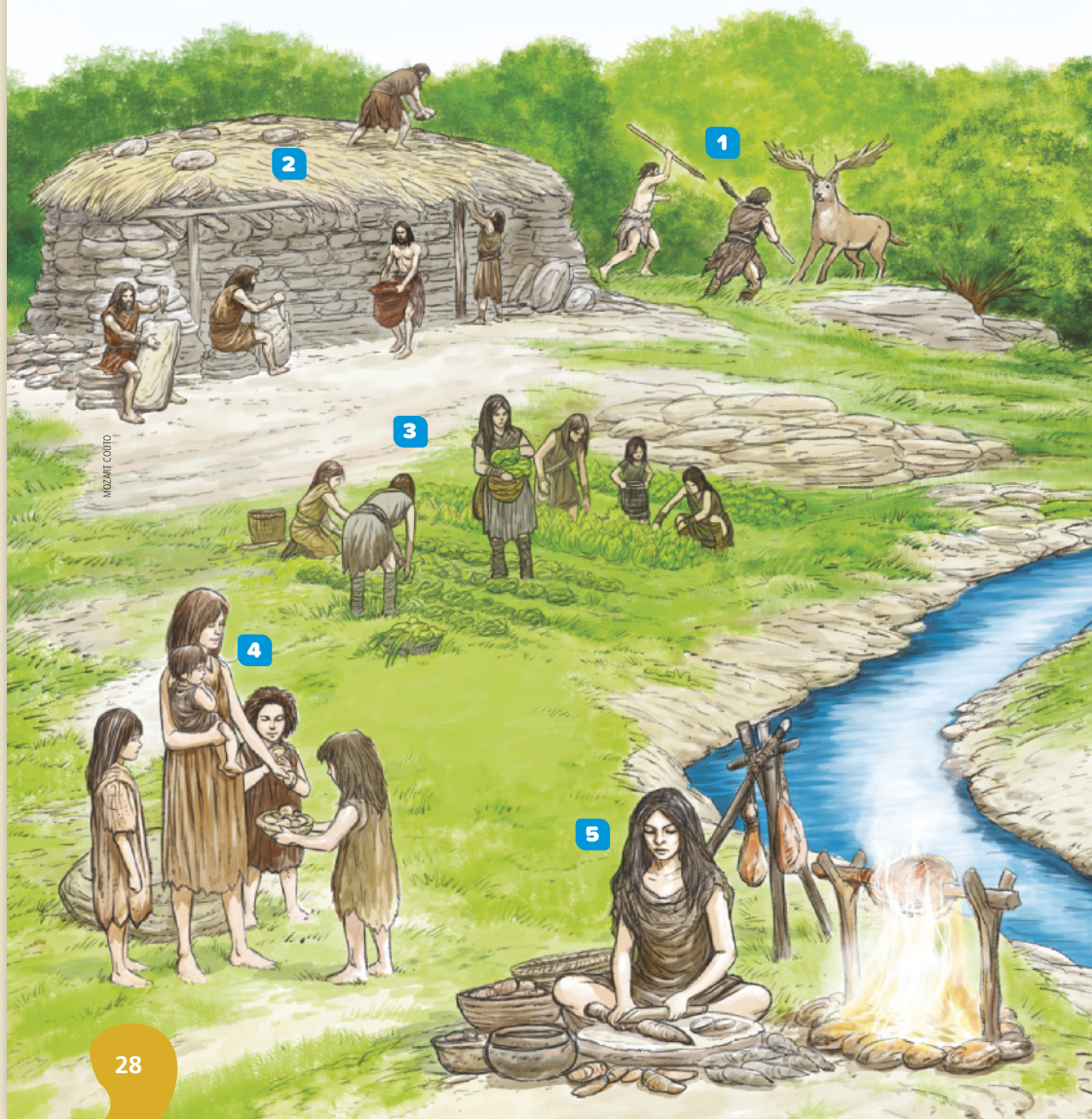
- Como você imagina a vida dos primeiros grupos humanos?
- Como será que superaram os desafios impostos pelo ambiente e pela necessidade incessante de encontrar alimento?
- Que mudanças o desenvolvimento da agricultura trouxe para os seres humanos?
- Como será que era dividido o trabalho na aldeia neolítica?

Em seguida, sugere-se:

- Realizar a leitura compartilhada do texto.
- Estimular a reflexão acerca das dificuldades vivenciadas pelos primeiros grupos humanos.
- Refletir sobre a divisão do trabalho entre homens e mulheres.

OS AGRICULTORES E PASTORES

Os agricultores e pastores passaram a produzir seu próprio alimento e não precisavam mais mudar constantemente de lugar. Então, aos poucos, foram se tornando **sedentários**, isto é, passaram a se fixar em um determinado local: a aldeia.



28

TEXTO DE APOIO

Terras propícias

As transformações sociais e econômicas próprias do Neolítico ocorreram paulatinamente, ao longo de alguns milênios. Pouco a pouco o homem deixou de ser caçador-coleto para se tornar agricultor e criador de animais.

A agricultura surgiu por volta de 10.000 a.C., no chamado “Crescente Fértil”, região do Oriente Médio que

se estende da Turquia até o oeste do Irã. As primeiras espécies cultivadas foram os cereais. Mais tarde, em cerca de 8500 a.C., começou a criação de animais, nessa mesma região geográfica. No início, as espécies domesticadas eram a cabra e o carneiro. O sedentarismo foi a principal consequência dessas modificações no comportamento humano.

Essas novas aptidões propiciaram numerosas mudanças. O homem se pôs a imprimir sua marca na paisagem [...]. Passou a desbravar florestas, cultivar

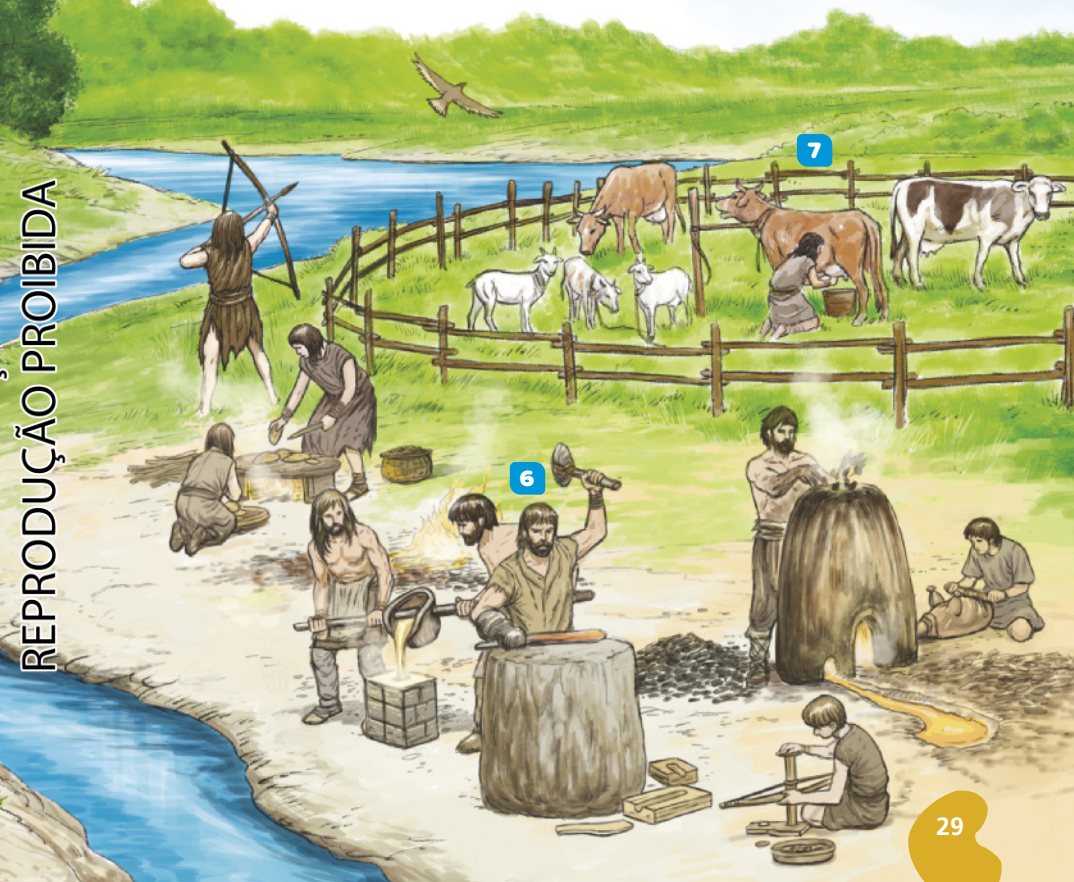
campos e construir aldeias cada vez maiores, que antecederam as cidades. Algumas dessas povoações eram cercadas de fossos e paliçadas, para impedir que os rebanhos escapassem, mas também para defender seus habitantes contra eventuais agressores. [...] O Neolítico viu surgir ainda novas técnicas, como a cerâmica, a tecelagem e a cestaria.

SWINNEN, C. **A pré-história**: passo a passo. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Claro Enigma, 2010. p. 70-71.

Na aldeia neolítica, o trabalho era dividido entre as mulheres e os homens. As mulheres se dedicavam ao preparo dos alimentos e cuidavam dos filhos. Já os homens construíam moradias, caçavam e cuidavam dos rebanhos.

1. Observe a imagem e, com base no que você estudou, responda:
 - a) As pessoas representadas na imagem eram nômades ou sedentárias? Justifique. *Eram sedentárias, viviam em aldeias praticando a agricultura e o pastoreio.*
 - b) Quais atividades as pessoas estão fazendo em cada uma das cenas?
 - c) Produza um áudio-minuto sobre a vida em uma aldeia neolítica. Siga o roteiro:
 - as principais atividades realizadas;
 - a divisão do trabalho;
 - o estilo de vida.

b) Cena 1: homens caçando; cena 2: homens construindo moradia; cena 3: mulheres colhendo alimentos; cena 4: mulher cuidando de crianças; cena 5: mulher preparando alimento; cena 6: homens produzindo ferramentas; cena 7: homem ordenhando o gado.



SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

VÍDEO. VEJA como vivem o povo nômade no deserto do Saara. 2017. Vídeo (4min2s). Publicado pelo canal Câmera Record. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pNtY2Md9ej8>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Reportagem sobre povo nômade da região do deserto do Saara.

TEXTO DE APOIO

A condição feminina: uma breve retrospectiva histórica

Estávamos na Pré-História e homens e mulheres viviam em harmonia. [...]. O papel das mulheres era destacado, embora não fossem detentoras de mais poder que os homens. Viviam em regime de parceria com o sexo oposto. Nesse período, época em que a agricultura era a principal atividade da humanidade, acreditava-se que a mulher tinha poder mágico, o dom da vida, sua fecundidade fazia a fertilidade dos campos. Havia, portanto, uma associação entre a mulher e a agricultura. Nessa época, homens e mulheres eram nômades e caçadores.

[...]

Para poder arar a terra, os grupos humanos tornaram-se sedentários. Dividiram a terra e formaram as primeiras plantações. Começaram a se estabelecer as primeiras aldeias, depois as cidades, as cidades-Estado, os primeiros Estados e os impérios.

MOREIRA, M. Cecília G. **A violência entre parceiros íntimos:** o difícil processo de ruptura. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ROTEIRO DE AULA

Uma porta de entrada para o trabalho com esta página é informar que, em nossas casas, a maioria dos alimentos é armazenada em sacos ou potes de plástico, lata ou vidro. E, a seguir, perguntar aos alunos:

- E, nos tempos da aldeia neolítica, como será que os alimentos eram guardados?
- Vocês sabiam que a necessidade de conservar e transportar alimentos produzidos pelos seres humanos do Neolítico levou à invenção da cerâmica?
- Sabiam que os seres humanos do Neolítico passaram a fazer vasos e jarros de cerâmica para conservar e transportar alimentos?

Em seguida, sugere-se:

- Trabalhar com os alunos a ideia de que, com o aumento da população e a descoberta de técnicas agrícolas, algumas aldeias passaram a produzir sobras.
- Explicar que, com as sobras de alimentos, parte das pessoas passaram a se dedicar a outras atividades, como tecer, moldar a cerâmica, pescar, cuidar da segurança do grupo, entre outras; ou seja, houve um crescimento do processo de divisão do trabalho.

TEXTO DE APOIO

A oralidade em sala de aula

A oralidade como objeto de ensino é o foco da reflexão de Leal, Brandão e Lima (2012, p. 15). [...] as pesquisadoras buscam o que as propostas curriculares, materiais didáticos e pesquisas discutem acerca do tema, apontando a necessidade de se definir objetivos didáticos explícitos relativos a, pelo menos, quatro dimensões que envolvem o desenvolvimento da linguagem oral. São elas:

- valorização de textos da tradição oral;
- oralização do texto escrito;
- variação linguística e relações entre fala e escrita;
- produção e compreensão de gêneros orais; (Leal; Brandão; Lima, 2012, p. 16).

No que se refere à valorização de textos de tradição oral, as autoras enfatizam a importância da linguagem na construção e manutenção das diferentes expressões da cultura da comunidade e do país, a partir

DA ALDEIA À CIDADE

Com a agricultura e a pecuária, aumentou a oferta de alimentos. Para guardar, transportar e cozinhar esses alimentos, os humanos desenvolveram a cerâmica, barro modelado e cozido.

Mais bem alimentadas, as pessoas passaram a ter mais filhos e a viver por mais tempo, o que levou a um crescimento da população.

CRESCER A DIVISÃO DO TRABALHO

A necessidade de alimentar a população que crescia levou à descoberta do **arado** puxado por bois e de técnicas de irrigação do solo. Com isso, as aldeias passaram a produzir mais alimentos do que consumiam. Com a sobra de alimentos, parte das pessoas foram liberadas do trabalho na agricultura e passaram a fazer outras atividades.

Arado: instrumento com o qual se prepara a terra para o plantio.

Ocorreu, assim, uma crescente divisão do trabalho: uns se dedicaram a construir casas, outros a fazer tecidos, outros a produzir vasos e panelas de cerâmica, outros ainda se especializaram em caçar e pescar, e houve aqueles que optaram por cuidar da segurança do grupo.



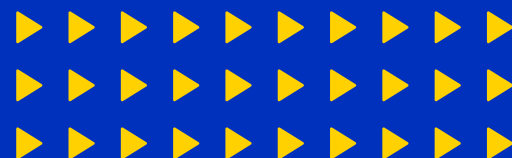
▲ Representação artística da divisão do trabalho em uma aldeia antiga.

dos conhecimentos transmitidos nas interações orais pelas gerações mais velhas às mais novas. Como exemplos de interações nesse aspecto, os discentes podem pesquisar sobre receitas culinárias, remédios utilizados pelas gerações passadas, contos, brincadeiras, entre tantos outros textos de que fazem usos na vida cotidiana. Desse modo, é possível que textos que constituem um arquivo na memória sejam conhecidos e usados pela cadeia da oralidade.

Com relação à oralização do texto escrito, trata-se de uma dimensão do trabalho com a interseção entre os eixos da oralidade e da leitura, envolvendo o de-

envolvimento da fluência desta e das habilidades comunicativas orais.

As pesquisadoras citam os aspectos que são salientados por Dolz e Schneuwly (2004), entre estes os que envolvem a fala e a leitura em voz alta, destacando: altura da voz, velocidade, aspectos retóricos relevantes no trabalho com a audiência, gestualidade, entre outros. Elas destacam que a oralização da escrita envolve recursos das práticas de linguagem que podem ser ensinados na escola e salientam o papel destes recursos para a recitação de poesias, representações teatrais, notícias televisivas etc.



Esta é uma versão de pré-visualização do Manual do Professor

Você está visualizando apenas as primeiras páginas deste manual do professor.

A versão completa está disponível exclusivamente para professores e instituições educacionais habilitadas.

**Para solicitar o acesso
completo, entre em contato
com a nossa Central de
Relacionamento:**

 **0800 772 2300**

 **www.ftd.com.br/contato/**

